

NENHUM elogio enterneceu mais o coração do poeta amaranantino do que ter um livro seu roubado numa livraria do Recife: a edição era modesta, e o anônimo admirador de Antônio Francisco da Costa e Silva quebrou o vidro do mostruário e retirou o último exemplar de "Sangue". Consagrado dos maiores poetas brasileiros de todos os tempos, pela crítica de Clóvis Bevilacqua, Tristão de Athayde, Antônio Tôrres, Sílvio Romero, João Veríssimo, Mário Rodrigues, e tantos outros, que não contiveram o pasmo admirativo ante a revelação de um grande artista, que raramente recorria ao artifício, Costa e Silva morreu contudo no mais acastrado e silencioso recolhimento, em meio às sombras de um mundo fantástico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, que "Meridiano" prestar um tributo de saudade e carinho a aquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no coração o amor à sua terra — a que dedicou "Zodiaco" com este singular oferecimento: "Ao meu longínquo Piauí — na divina evocação de sua natureza maravilhosa". Terra para se amar com o grande amor que cria. Da Costa e Silva exaltou-a no "Hino" que as crianças entoam nas escolas, "sob um céu de imortal claridade". Eis parte desse cântico:



"Salve! terra que aos céus arrebatas nossas
almas nos dons que possuis: a esperança no verde do
mar e a saudade nas serras azuis.

"Piauí, terra querida, filha do sol do Equador,
que em-te a nossa vida, nosso sonho, nosso amor.
As águas do Parnaíba, rio abaixo, rio arriba, espalham
pela sertão e levem pelas quebradas, pelas várzeas
cheias, teu canto de exaltação".

O. G.



A RENO
VACÃO
DA
LITERA
TURA
PIAUIENSE

MERIDIANO
CADERNO DE LETRAS

FABÍOLA NUNES
BRASILINO

VACÃO DA NATUREZA

INSE

CULTURA E ANSEIOS
MODERNISTAS NA REVISTA
CADERNO DE LETRAS
MERIDIANO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

Diretora da EDUFPI

Jasmine Soares Ribeiro Malta

EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Jasmine Soares Ribeiro Malta (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

Carolina de Aquino Gomes

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

Projeto Gráfico

Alcides Jr / Área de Criação

Revisão

Francisca Figuerêdo

Ilustrações

Correia Dias (extraídas das edições originais da Revista Caderno de Letras Meridiano)

Bs23r Brasilino, Fabíola Nunes Brasilino.

A renovação da literatura piauiense : cultura e anseios modernistas na revista *Caderno de Letras Meridiano* / Francisco Pereira da Silva Filho. — Teresina : EDUFPI ; Área de Criação, 2026.

1 recurso on-line (134 p.) : il.

ISBN 978-65-5904-507-5

Literatura piauiense. 2. Modernismo. 3. *Caderno de Letras Meridiano*. 4. Periódicos literários. I. Título.

CDD B869.09

Elaborada por Fabíola Nunes Brasilino — CRB 3/ 1014



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



*Dedico este trabalho aos meus pais,
Joselias Brasilino da Silva
e Iza Pinheiro Nunes Brasilino;
ao meu esposo, Fábio Dias Fernandes,
e aos meus filhos, José Benício e Lilo.*



*Cada literatura requer tratamento peculiar,
em virtude de seus problemas específicos
ou da relação que mantém com as outras.*

(Antonio Candido, prefácio à Formação da Literatura Brasileira)



II PREFÁCIO

CAPÍTULO I

16 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

CAPÍTULO 2

25 VÁRIAS CIDADES EM UMA:
A MODERNIZAÇÃO DE TERESINA

2.1 Aspectos da modernidade

2.2 Teresina modernizou-se!

CAPÍTULO 3

51 OS FUNDADORES

3.1 Hindemburgo Dobal Teixeira

3.2 Manoel Paulo Nunes

3.3 Orlando Geraldo Rego de Carvalho

CAPÍTULO 4

78 CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODERNISMO NO BRASIL

CAPÍTULO 5

87 ANSEIOS MODERNISTAS NA REVISTA *CADERNO DE
LETRAS MERIDIANO*

5.1 Apresentando a revista *Caderno de Letras Meridiano*

5.2 A dialética do regional X universal na revista

Caderno de Letras Meridiano

5.3 Entre a vanguarda e a tradição

CAPÍTULO 6

121 CONSIDERAÇÕES FINAIS

127 REFERÊNCIAS

	FIGURA 1
33	Miniatura do plano de Teresina

	FIGURA 2
56	Integrantes da Arcádia (1947)

	QUADRO 1
44	Evolução do cinematógrafo em Teresina na primeira metade do século XX

	QUADRO 2
90	Síntese do fascículo nº 1 da Revista <i>Caderno de Letras Meridiano</i>

	QUADRO 3
92	Síntese do fascículo nº 2 da Revista <i>Caderno de Letras Meridiano</i>

	QUADRO 4
93	Síntese do fascículo nº 3 da Revista <i>Caderno de Letras Meridiano</i>

CADERNO DE LETRAS

Direção

Hindemburgo Döbal

O. G. Régio de Carvalho

M. Paulo Nunes

Colaboração

MARTINS NAPOLEÃO

EDSON RÉGIS

DA COSTA ANDRADE

T. S. ELIOT

CLEMENTE FORTES

JOHN STEINBECK

JOSE VIRGILIO ROCHA

SUMÁRIO

O retôrno á infância 2
 A Diretriz Poética 3
 Poema, de Edson Régis 4
 Adolescência, conto 5
 Fria, soneto 6
 Angústia da vida moderna 7
 Menino Ulisses, poema 8

O retôrno á infância

Há, hoje em dia, em literatura um despertando um interesse crescente e renovado à infância. Em face de um mundo que dia a dia anula o sentido da dignidade humana, naturalmente do artista pela aguda penetração e sensibilidade individual e pelo retôrno às fontes maternas da existência humana. Ora esse despertar da infância, devolvendo-os as raízes de nossa

Dentro deste espírito aparecem-nos o livro do sr. Hermanno Requião, «Itapagipe», editado pelo Edil. que nos vem recontar sua infância. O autor não tivesse outro intuito, ao publicar as suas memórias, senão prestar sua contribuição de boas lembranças do IV Centênário de sua cidade do São Paulo. E com esse intuito tenha escrito as quatorze crônicas singelas e volúveis. Recordações apenas de quem se lembra daquela quadra ditosa da existência.

Entretanto, não atinamos por que memórias tão valiosas não tenham sido aproveitadas para o livro, talvez por suas qualidades literárias do autor, uma intenção que não tenha tido ao escrevê-lo. A de que o livro tenha com aquele espírito de mergulho no passado, através de uma profunda integração, não só a essência imponderável do tempo perdido, mas a essência em que foram mestres na literatura o prodígio Marcel Proust e a eterna criança de Grande Meaulnes, Alain Fournier.

O sr. Hermanno Requião, força é reconhecer essa intenção, falhou no seu propósito. Porque se escreve apenas com o valor de um simples livro de memórias, sem o valor de um simples livro de memórias que nos vem devolver a infância, restituindo a cada um de nós a capacidade inalienável de uma vez, o instante perdido, que o tempo de todo apagar de nossa retina.

Dai a contradição chocante que encontramos no sr. Joel Silveira, que nos abre as portas para um mundo maravilhoso que o sr. Hermanno Requião poder mágico de revelar, debuxando apenas as memórias desse livro de memórias, o mais das vezes pressivos, ligeiros quadros de sua vida de infância. Dai também a decepção com o magistral artigo de dona Rachel de Queiroz sob o aspecto, superior ao livro, ao falar de um

PREFÁCIO

Ao longo dos estudos literários, a literatura produzida em folhetim – obras ou estudos literários publicados, a priori, em revistas ou jornais – propiciou a expansão de conhecimentos nessa área. A literatura folhetinesca ganhou força, sobretudo, na Europa dos séculos XVIII e XIX. No Brasil não foi diferente, os estilos literários foram disseminados e as análises críticas circularam também em revistas e jornais. A disseminação da literatura modernista ocorre também com análises críticas em revistas especializadas em cultura.

Este livro é um recorte da dissertação de Mestrado Acadêmico em Letras, na Universidade Estadual do Piauí (2019), da autora, sob a orientação da professora doutora Raimunda Celestina Mendes. Como tal, é dotado do teor

acadêmico que esse tipo de texto exige, com exímia linguagem e estrutura científica. A autora, Fabíola Brasilino, apresenta uma minuciosa pesquisa sobre a contribuição da Revista Caderno de Letras Meridiano para a historiografia literária piauiense, especialmente no que diz respeito à difusão do modernismo em território piauiense.

O periódico foi idealizado por intelectuais de renome em terras piauienses: Hindemburgo Dobal Teixeira, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho, fato interessante a ser mencionado é contribuição literária dos envolvidos no projeto. Autores de obras fundadoras da literatura piauiense. A maior parte dos intelectuais envolvidos no projeto da criação da revista tinham fortes influências da literatura modernista, como James Joyce, Thomas Hardy e Virgínia Woolf. Um dos projetos estéticos do modernismo brasileiro era a atualização das produções artísticas. Os estudiosos do modernismo sempre destacam a demora para expansão do movimento e a modernização das Letras, sobretudo fora do eixo Rio-São Paulo. A revista em questão discorre sobre as primeiras manifestações da modernização em Teresina e apresenta análises de intelectuais piauienses.

O modernismo brasileiro representa um dos momentos mais significativos de nossa história cultural. Trata-se de um movimento artístico com intenções sociais acaloradas, marcado por uma revolução estética e preocupação com a representação social e suas nuances. O movimento modernista objetivou retratar o Brasil em toda sua complexidade — o popular e o erudito, o urbano e o rural, a herança indígena, africana e europeia — revelando, assim,

uma identidade própria, rica em contrastes. O modernismo brasileiro apresenta verdadeiras preciosidades da literatura, especialmente na Segunda Geração, como: O Quinze (1930), de Rachel de Queiroz, Vidas Secas (1936), de Graciliano Ramos, e Capitães da Areia (1937), de Jorge Amado.

Este livro nasce do desejo de revisitar o cenário cultural piauiense e refletir sobre sua importância não apenas no campo artístico, mas também sobre como os movimentos literários ajudaram na formação da identidade artística local e como essa modernização artística se apresentou no cenário piauiense. Entender o modernismo é compreender como a cultura pode ser força de transformação, capaz de dar voz a um povo e projetar sua singularidade para além das fronteiras.

A literatura regionalista não se limita a contar histórias, é também uma forma de resistência, de preservação da memória e de celebração da cultura. Ao dar voz aos que muitas vezes são silenciados, esses autores nos ensinam a valorizar nossas raízes e a reconhecer a beleza que reside na diversidade. A pesquisa apresentada neste livro inspira novas reflexões e um maior apreço pela literatura que nos conecta às nossas origens e nos ajuda a compreender as peculiaridades da produção literária no estado do Piauí.

Ao longo das páginas seguintes, o leitor encontrará uma análise cuidadosa das características que definem o modernismo, bem como a contribuição de intelectuais piauienses para a difusão do movimento, além de uma seleção de textos que ilustram a diversidade e a riqueza das expressões literárias locais. Os intelectuais envolvidos no projeto da Meridiano apresentam uma contribuição hercúlea para a

cultura piauiense, assim como a escolha de temática da autora deste livro, que revisita um importante momento da histórica da cultura do estado. Que as próximas páginas sirvam como convite à reflexão e à redescoberta do modernismo e da literatura piauiense.

Ótima leitura!

Thaís Amélia Araújo Rodrigues
Doutora em Letras (Ufpi)

Fora Da Via

Direção

Hindenburg Dobal

O. G. Rêgo de Carvalho

M. Paulo Nunes

Colaboração

Moura Rêgo

F. Pereira da Silva

Fred Pinheiro

E. E. Cummings

Clemente Fortes

Abraão Atem

S U M A R I O :

• Registro Crítico	2
• Quixote versus Crusoé	3
+ Na pétala, o azul	4
— Pequenos Amigos, conto	5
+ Nalgum lugar, poema	7
Rui, um exemplo	8
+ Canção	11
Cento de Natal	12
Ensaio de Abraão Atem	14
Sacerdócio, soneto	16
A Face	17
Vida Literária	20

Correspondência para

Rua Lisandro Nogueira, 1223

Teresina — Piauí

Um sinal bem promissor de vitalidade dos pos de novos consiste, atualmente, no movimento que se vem processando em todos os Estados do sistema de cooperativas editoras para o lançamento de novos escritores. Nisto já se denota uma forte tendência à permanência, no terreno da circulação literária, uma promessa evidente de que esses movimentos não fiquem apenas em investidas felizes, mas realmente uma contribuição ponderável às letras nacionais.

Lançado pelas edições ELO, de Salvador, apareceu o livro de estréia do jovem contista baiano, Vasconcelos Mala, reunindo sua primeira coletânea de contos, que só agora, entretanto, nos foi dado o prazer de apreciar. Trata-se de vários contos de sua primeira obra, e a alguns talvez nem comporte a classificação de contos, mas mesmo com toda a elasticidade que já adquiriu, o livro é modernamente, mas, às vezes, de siníplexes crônicas portagens.

Procurando fixar alguns aspectos característicos de sua terra e especialmente de sua velha cidade de Salvador, fonte perene de inspiração de quantos artistas baianos, e a ela estejam ligados, o sr. Vasconcelos Mala apresenta alguns quadros deliciosos de um forte sabor local.

Já se tem dito há já bastante tempo, e com muita razão, que uma consideração primária em matéria de criação literária, que é através do local que se chega ao universal, portanto, o regional ou o caminho mais certo para se chegar à perenidade na criação literária. Entretanto, não se deve distinguir em que sentido se deve tomar aqui o termo regional, afim de poder diferenciá-la do puramente local, ou do regionalismo de superfície, que, quando muito, pode alcançar alguma cena de sabor apenas pitoresco. Jamais, portanto, a força de durabilidade capaz de alcançar a eternidade, que advirá fatalmente de um sentimento universal.

Um Simões Lopes Neto, para tomar ao pé da letra, de nossos mais expressivos regionalistas, fixando os pontos magistrais a vida épica do gaúcho, foi fortemente regionalista, resguardando, contudo, a obra que realmente desce para o puro pitoresco do regionalismo de superfície e sua permanência foi realmente assegurada em que pôde alcançar o universal. Já não é Simões Neto, como sertanista, a despeito do esforço empreendido até mesmo no sentido de fixar uma fala caipira, mas o regionalismo apenas o destino das cousas que se

I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste livro, investiga-se a revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, editada em Teresina entre outubro de 1949 e dezembro de 1950, com foco em suas contribuições para a historiografia literária piauiense, analisando-se sua trajetória e proposta estética, bem como os posicionamentos dos escritores que nela publicaram.

O periódico *Caderno de Letras Meridiano* é considerado importante para a literatura piauiense, pois traduziu, em esfera local, o desejo de atualização estética pelo qual o país estava passando. Tal modernização, pretendida pelos intelectuais, só seria possível por meio da renovação ancorada nos cânones modernistas, que, desde a década de 1920, estavam em voga no centro cultural do país, assim como pela superação de uma estética tradicional, ainda muito presente no meio artístico da época.

Para compreender a importância desse projeto intelectual e a transformação que provocou no cenário cultural piauiense, é necessário conhecer o ambiente em que esse empreendimento surgiu: a Teresina em vias de modernização¹. Nesse sentido, ao se evidenciarem as modificações ocorridas na capital e no pensamento da sociedade na primeira metade do século xx, nas perspectivas urbana, social e cultural, colocam-se as bases para se compreender os anseios modernistas presentes no ambiente intelectual da época e no objeto de estudo em questão. Necessário é também discutir, ainda que de forma breve, a modernidade enquanto fenômeno mundial, o que contribui para a percepção do pensamento moderno em Teresina.

As transformações ocorridas na capital durante esse período auxiliaram na construção de uma imagem de cidade ideal, longe dos moldes coloniais de outrora e cada vez mais próxima dos ideais modernos difundidos no Brasil e no mundo. Desse modo, a revista *Caderno de Letras Meridiano* atuou como um veículo que, de certa forma, concretizou no Piauí, as ideias advindas do pensamento cultural moderno vigentes nos grandes centros brasileiros: a renovação artística e cultural e a recusa aos padrões estéticos tradicionais.

Esta investigação está apoiada, inicialmente, em uma motivação cultural e social, e parte da convicção de que a literatura piauiense, embora pouco conhecida e divulgada, merece grande atenção por parte da comunidade, pois mostra a história e a evolução da sociedade piauiense,

1 Segundo Berman (2007), o termo modernização diz respeito a processos sociais, como industrialização da produção, novas descobertas tecnológicas, explosão demográfica etc., que alimentam a agitação da vida moderna.

destacando o patrimônio imaterial de diversas épocas. Sua preservação é importante quando se pensa em construção da identidade individual e coletiva do povo piauiense. Sob a forma de fontes primárias, essa memória literária necessita de um amplo estudo e divulgação, por sua relevância como prática que viabiliza elos de identidade. Dessa maneira, uma pesquisa sobre a revista literária *Caderno de Letras Meridiano* é valiosa para a cultura e a historiografia literária do estado do Piauí, tendo em vista as lacunas existente nessas áreas.

É pertinente, também, estudar esse objeto em nível acadêmico, pois os resultados da investigação contribuem para a história literária do Piauí, que é pouco conhecida devido à escassez de trabalhos que arrolem todos os seus aspectos. As descobertas desta pesquisa podem, ainda, servir como fonte de informação para jornalistas, pesquisadores e estudantes interessados em conhecer mais as raízes culturais do estado, assim como obter dados documentais para elaboração de trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses) ou produção científica (publicações periódicas, pôsteres, relatórios etc.).

A dificuldade de se estudar a revista literária *Caderno de Letras Meridiano* deve-se ao fato de que sua fortuna crítica ainda ser bastante reduzida. Os trabalhos existentes abordam a importância do periódico enquanto veículo de divulgação de autores já consagrados ou desconhecidos, bem como seu papel na promoção de uma renovação estética no estado do Piauí. Nesse grupo, encontram-se os estudos da pesquisadora Raimunda Celestina Mendes da Silva, apresentados no capítulo “Nas trilhas do tempo: uma leitura das revistas *Meridiano*”, parte do livro *A literatura dos anos*

de 1950, organizado por Francisco Venceslau dos Santos, Maria Conceição Monteiro e Roberto Acízelo de Souza, e o trabalho intitulado *Revista Meridiano: laboratório para escritores piauienses*, apresentado no xv Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, realizado no período de 07 a 11 de agosto de 2017, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Ambos os trabalhos ressaltam a importância do periódico para a história literária do Piauí e sua relevância para o crescimento intelectual e profissional dos escritores, bem como a consagração deles nos cenários local e nacional.

Na dissertação intitulada *Entre narrativas e fragmentos: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rêgo de Carvalho*, de José Maria Vieira de Andrade, defendida em 2009, na Universidade Federal do Piauí, o objeto desta investigação aparece de maneira tangencial, tendo em vista não ser o foco daquela pesquisa. Destacamos ainda o livro *Em busca da Geração Perdida: formação escolar e intelectual de homens de letras em Teresina*, publicado em 2015, de autoria da professora e pesquisadora Vanessa Negreiros Farias, que analisa a formação intelectual dos jovens escritores Paulo Nunes, Hindemburgo Dobal e O. G. Rêgo de Carvalho e sua relação com os periódicos circulantes no período de 1930 a 1964. Entre os periódicos abordados, estão *Voz do Estudante*, *Zodiaco*, *Geração*, *Cultura Acadêmica* e *Caderno de Letras Meridiano*. Além desses aspectos, a pesquisa traça o panorama educacional nas décadas de 1930 e 1940. Por fim, no livro *As formas incompletas: apontamentos para uma biografia de H. Dobal*, publicado em 2005, o escritor Halan Silva relata, em dois capítulos, relata fatos importantes sobre a revista

Caderno de Letras Meridiano, contribuindo, dessa maneira, para o desenvolvimento de pesquisas na área.

Destarte, como modo de contribuir sobremaneira para a historiografia literária piauiense e justificando sua pertinência, este livro se propõe a pensar o *Caderno de Letras Meridiano* a partir de uma perspectiva ímpar, como um veículo basilar para a propagação das ideias modernistas no Piauí. Busca-se verificar, com a análise dos posicionamentos dos escritores e da proposta estética geral da revista, verificar se, de fato, a atualização estética pretendida pelo grupo foi, de fato, discutida no periódico. Para nortear a investigação, estabeleceram-se as seguintes questões norteadoras: 1) Como surgiu o *Caderno de Letras Meridiano*? 2) Como, nos três números dessa revista, os escritores se posicionaram em relação aos temas e aos gêneros literários? 3) Quais os gêneros predominantes nessa revista? E 4) Qual a contribuição desse periódico para a renovação da literatura piauiense?

Antes de iniciar a apresentação dos capítulos, é importante ressaltar que este é um trabalho de caráter interdisciplinar, visto que se articula com outras áreas do conhecimento, como a história, o que nos permite conhecer, sob vários vieses, a realidade alvo desta investigação, tornando-a mais compreensível em sua complexidade. No tocante aos textos histórico e literário, é de comum acordo que ambos apreendem as diversas realidades humanas, dialogando de forma igualitária, muito embora isso tenha sido possível somente a partir da década de 1920, quando os professores da Universidade de Estrasburgo, Marc Bloch e Lucien Febvre, empreenderam uma renovação historiográfica em que criticavam

a historiografia tradicional ao tempo em que intentavam ampliar as fontes de informação utilizadas na construção da história.

Quanto aos fins, a pesquisa desenvolvida é de caráter exploratório, tendo em vista que se buscou maior familiaridade com o objeto de estudo. Nesse sentido, investigou-se a trajetória e a contribuição da revista *Caderno de Letras Meridiano* para a historiografia literária piauiense, ressaltando as ambições modernistas presentes nesse periódico de modo a preencher algumas lacunas existentes na área e a divulgar sua importância junto à sociedade. Quanto aos meios, a pesquisa é cunho bibliográfico e documental, pois se utilizaram como principais fontes de informação livros, dissertações, artigos científicos e documentos raros que discutem a modernização ocorrida em Teresina na primeira metade do século xx, enfatizando os aspectos sociais, culturais e urbanísticos da cidade, assim como o papel das revistas literárias para a disseminação dos ideais modernistas no estado do Piauí.

O *corpus* da pesquisa foi a própria publicação literária *Cadernos de Letras Meridiano*. A princípio, para se ter uma visão geral do conteúdo tratado, elaboram-se três quadros, um para cada fascículo, contendo as seguintes informações: autor, título, tema e gênero textual. De posse dessas informações, foram considerados para fins de investigação os seguintes gêneros: poema, ensaio e artigo de opinião. Os critérios de análise incluíram produções que contemplassem conceitos e características da literatura modernista, conteúdos que abordassem a dialética entre o regional e o universal, bem como a relação entre tradição e vanguarda.

As composições que não atenderam a esses critérios foram citadas a título de ilustração.

Este livro está dividido em quatro capítulos, a saber: no capítulo 2, intitulado “Várias cidades em uma: a modernização de Teresina”, em que se faz uma exposição sobre Teresina na primeira metade do século xx², cidade onde surgiu o *Caderno de Letras Meridiano*, tendo em vista que foi nesse ambiente que seus diretores se estabeleceram e criaram seus vínculos. A modernização bateu à porta da nova capital do Piauí nas primeiras décadas do século xx e trouxe consigo a inquietação provocada pela modernidade, isto é, o desejo de civilidade e as características de salubridade e centralidade. O rompimento com os padrões coloniais era necessário para que o progresso chegasse à capital, assim, para se entender o contexto que deu origem a esse projeto intelectual, se faz uma breve exposição sobre a modernidade, evidenciando seu surgimento, conceitos, características e consequências para a sociedade, com apoio teórico nas contribuições do sociólogo britânico Anthony Giddens, mais especificamente na obra *As consequências da modernidade* (1991), em que ele aborda as principais mudanças ocorridas nos campos social e cultural. Como suporte teórico, tem-se ainda o filósofo estadunidense Marshall Berman, com a obra *Tudo que é sólido desmancha no ar* (2007), que apresenta uma crítica à história da modernidade.

2 O recorte temporal estabelecido contempla a primeira metade do século xx em razão de, nesse período, terem ocorrido os maiores eventos relacionados à modernização da capital do Piauí. Isso justifica, em boa parte, o desejo dos membros fundadores da revista de promover uma renovação na esfera literária da capital, acompanhando os novos rumos surgidos no Brasil e no mundo. Também se focalizam os anos 1949-1950, por terem sido o período em que a revista em estudo foi publicada.

Para recontar a história de Teresina em processo de modernização, foram consultadas as seguintes obras de historiadores piauienses: *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*, publicada em 2015, de Francisco Alcides do Nascimento; *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo* (2011), *História, literatura e sociabilidades* (1998) e *As diversões civilizadas em Teresina: 1880 – 1930* (2008), de Teresinha Queiroz. Também se recorreu à consulta de fontes primárias, como é o caso do jornal *O Pirralho*.

O capítulo 3, descreve as trajetórias dos membros fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano*: Hindemburgo Dobal, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho, evidenciando a maneira como esses sujeitos enfrentavam as transformações ocorridas nos espectros regional, nacional e universal, circunstâncias que influenciaram sobremaneira as publicações de cada escritor no periódico estudado. A partir disso, têm-se as condições de investigar o cânone modernista praticado pelos diretores. Para a composição deste capítulo, o aporte bibliográfico advém de autores como Halan Silva, com a obra *As formas incompletas: apontamentos para uma biografia de H. Dobal*, publicada em 2005, e Vanessa Negreiros Farias, com a obra *Em busca da Geração Perdida: formação escolar e intelectual de homens de letras em Teresina*, publicada em 2015, dentre outros.

O capítulo 4, intitulado “Considerações sobre o Modernismo no Brasil”, apresenta uma breve contextualização teórica a respeito do movimento modernista no país, com subsídios para a análise da revista literária *Caderno de Letras Meridiano*. Ressalta-se que, apesar de o Modernismo

abranger as várias esferas culturais, esta pesquisa enfatizou, exclusivamente, a literatura, sendo apresentadas as três gerações modernistas, com destaque para suas características predominantes. Para a fundamentação, utilizaram-se as contribuições de Gay (2009), Brito (1997), Lafetá (2000), Martins (2002), Bosi (2010) e Proença Filho (2008).

O capítulo 5 apresenta a revista *Caderno de Letras Meridiano* no contexto das transformações ocorridas no panorama sociocultural brasileiro, por intermédio das análises dos temas debatidos e dos gêneros utilizados nos três fascículos da publicação. Mostra-se também de que modo esse periódico constituiu-se como marco instaurador do movimento modernista no Piauí, cumprindo com seu papel de instrumento de divulgação, no estado, do paradigma vigente desde a Semana de 1922. Para tal, o apoio bibliográfico está nos seguintes autores: Farias (2015), Marques (2013), Merquior (2011), Kruel (2007), Silva Filho (1996), Santos (1993) e outros.



2

VÁRIAS CIDADES EM UMA: A MODERNIZAÇÃO DE TERESINA



objetivo deste capítulo é apresentar, de forma breve, a modernidade enquanto fenômeno histórico e suas implicações para a vida humana, com base nos conceitos e características dessa nova realidade social, cultural e econômica, para, a partir daí, se pensar em Teresina como contexto urbano que ambicionou ser exemplo de cidade moderna.

No início do século xx, a capital do Piauí, foi cenário de muitas tensões decorrentes das transformações advindas da modernidade. Nesse sentido, aborda-se a cidade sob os vieses espacial, social e cultural, destacando-se elementos como a arquitetura, a chegada de novas tecnologias, os novos hábitos, entre outros.

2.1 Aspectos da modernidade

A modernidade³ caracteriza-se como um período de ruptura marcado por profundas transformações estruturais em todos os campos da vida humana. A ordem social, cultural e econômica que surge na Europa e se dissemina pelo resto do mundo tem como algumas características a superação do pensamento teológico e das organizações sociais tradicionais que marcaram o período medieval, o estabelecimento da razão como forma autônoma de construção do conhecimento, a busca pela ordem e progresso⁴ e a organização dos Estados-nação.

Berman (2007) apresenta as três fases pelas quais a modernidade passou, que vão do século XVI ao XX, e as modificações que esse conceito sofreu ao longo dos séculos. Na primeira fase (século XVI ao XVIII), tem-se um estado de semicegueira por parte das pessoas, tendo em vista que ainda não assimilaram o início do processo de modernização. Em 1790, período que dá início à segunda fase, o público encontra-se em um estado dicotômico, vivenciando as grandes transformações na vida política, social e pessoal decorrentes da Revolução Francesa, mas inserido numa realidade em que a modernidade não chegara por completo. Por fim, com o

3 Os limites cronológicos da modernidade são objeto de discussão entre diversos teóricos, como Berman (2007), para quem a modernidade transita entre os séculos XVI e XX, enquanto Giddens (1991) afirma que esse período histórico emergiu no século XVII. Já Lefebvre (1962) considera que a modernidade nasceu no início do século XX, com o imperialismo, a Revolução Russa e as guerras mundiais.

4 Neste livro, considera-se progresso como “a capacidade de produzir mais e melhor. [...] A era moderna emergiu com idéias, planos e propostas futuristas, e com intolerância em relação aos credos da Renascença – sobretudo o culto aos antigos –, que passaram a ser rotulados como antiquados, ao passo que a palavra *moderno* adquiriu conotação de elogio.” (Dupas, 2006, p. 11, 13).

advento do século xx, na terceira fase, já é possível perceber uma atmosfera de agitação e turbulência tomando conta do mundo, marcando, de fato, o período de emergência da modernidade (Berman, 2007).

O conceito de modernidade, assim como o próprio período, é bastante instável e paradoxal, tendo em vista suas particularidades, no entanto pode ser percebido por meio de sua lógica e modo de operar, isto é, pela crença na razão, responsável por guiar todo o modo de ser no mundo, bem como pela busca incessante do progresso, com o aperfeiçoamento crescente de tudo e a constante oposição à tradição (Santos, 1998). Essas mudanças estruturais e tecnológicas que marcaram o período provocaram alterações no tecido social, produzindo novas configurações sociais. Concomitante às transformações a que essa definição remete, suas possibilidades de fragmentação são igualmente intensas:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia (Berman, 2007, p. 24).

A sensação de fragmentação e as incertezas vivenciadas pelo sujeito moderno se devem-se ao fato de que o ambiente da modernidade é permeado pelo ritmo acelerado de mudanças,

assim, o caráter fugidio e efêmero com que os processos técnicos e sociais se desenrolam provoca a perda das garantias decorrentes da ordem tradicional. Além disso, o escopo de mudança também sofre com a modernização, considerando a interconexão existente entre as diferentes áreas do globo, eliminando-se toda e qualquer distância. É nesse sentido de permanente desintegração e mudança pelo qual passam o mundo e os sujeitos em processo de modernização que Giddens (1991, p. 38) evidencia os riscos e perigos que a vida moderna acarreta:

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais.

O termo *modernidade* remete também a um imaginário social⁵ com instituições fundamentais, que define um modo de vida específico na Europa após o feudalismo. Conforme Giddens (1991, p. 11), “modernidade refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência.” É nesse período que surgem duas importantes instituições: o mercado capitalista e o Estado burocrático nacionalizado.

Com o advento do capitalismo e do Estado-nação, há uma mudança radical na forma de organização do tempo e espaço,

5 A concepção de imaginário social utilizada neste trabalho é a de um conjunto de símbolos presentes no cotidiano das pessoas que têm a função de atribuir valor real a determinada ideia. É expresso também pelas ideologias e utopias (Baczko, 1985).

que passa a ser explicada através da separação dessas duas categorias e de sua recombinação em formas que permitem o ‘zoneamento’ tempo-espacial da vida social, da identidade dos indivíduos e das práticas sociais. Isso ocorre porque, na medida em que os sujeitos passam a ter seu trabalho e suas práticas sociais dissociadas de uma localidade específica, eles são lançados num espaço-tempo mais amplo, passando a circular em um território muito mais dilatado do que até então haviam percorrido. O termo utilizado por Giddens (1991, p. 31) para descrever a separação da categoria tempo-espaço, característica primordial dessa fase, é *desencaixe*, que significa “o deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço”, isto é, há um desarraigar do sujeito de seu contexto específico, sendo que as relações não dependem, obrigatoriamente, de uma localidade física. Para o autor, há dois tipos de mecanismos de desencaixe: as fichas simbólicas e os sistemas peritos ou especializados. A primeira instância remete aos “meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (Giddens, 1991, p. 32, grifo do autor). Como exemplos de fichas simbólicas temos o dinheiro e o voto, uma vez que ambos não consideram as particularidades de cada indivíduo no contexto social, apresentando um valor padrão na sociedade. Já os sistemas peritos são sustentados pelo conhecimento técnico. Ambos giram em torno da confiança⁶.

6 Segundo Giddens (1991, p. 43-45), “a confiança está relacionada à ausência no tempo e no espaço. Não haveria necessidade de se confiar em alguém cujas atividades fossem continuamente visíveis e cujos processos de pensamentos fossem transparentes, ou

Além da separação entre tempo e espaço, outro fator explica o dinamismo da modernidade: a reflexividade institucional, que diz respeito aos conhecimentos que são constantemente renovados, afetando, desse modo, a realização das práticas sociais. Em outras palavras, a modernidade reflexiva estabelece que não há teorias irrefutáveis e que todo conhecimento deve ser posto à prova, repercutindo sobretudo, nas atividades cotidianas.

Com base nesses conceitos e características da modernidade, no tópico seguinte, direciona-se o olhar para Teresina, a cidade que deu origem à revista *Caderno de Letras Meridiano*, em processo de modernização, com todas as ambiguidades que marcaram essa época.

2.2 Teresina modernizou-se!

Antes de dar início à exposição sobre Teresina, é pertinente ressaltar a razão pela qual vinculou-se a história da capital do Piauí na primeira metade do século xx aos conceitos de modernidade e modernização. Observa-se que, no recorte temporal estabelecido, Teresina apresentava traços característicos do período moderno, apresentados na seção 2.1, tais como o ideal iluminista de progresso permeando o imaginário das pessoas e a negação de tudo aquilo que representava a

de se confiar em algum sistema cujos procedimentos fossem inteiramente conhecidos e compreendidos. [...] A confiança está basicamente vinculada não ao risco, mas à contingência. A confiança simples leva à conotação de credibilidade em face dos resultados contingentes, digam estes respeito a ações de indivíduos ou à operação de sistemas. [...] A confiança pode ser definida como crença na credibilidade de uma pessoa ou sistema, tendo em vista um dado conjunto de resultados ou eventos, em que essa crença expressa uma fé na probidade ou amor de um outro, ou na correção de princípios abstratos (conhecimento técnico).”

tradição. Além disso, verifica-se ainda o componente tecnológico, representado principalmente pela chegada do cinema e, juntamente com ele, o conceito de reflexividade institucional e os padrões de ordem, centralidade e higiene referentes à urbanização, bem como as práticas inerentes a ela, como as atividades comerciais e culturais.

A cidade enquanto fenômeno cultural que retrata determinado período de tempo e sociedade constitui-se como espaço em que as representações sociais são produzidas e as práticas sociais concretizadas. Ambiente construído, organizado e em constante transformação, é na cidade que a ruptura com o passado é mais perceptível, onde o dilema entre o novo e o velho, o tradicional e o moderno toma maiores proporções, tendo em vista a necessidade de acompanhar a “evolução” pela qual o mundo passa.

Muito embora o fenômeno urbano seja tão velho quanto a humanidade, sua efetiva expansão em escala planetária e como modo de vida particular é relativamente recente e se relaciona a um modo específico de civilização: a modernidade. [...] A cidade é o laboratório e o palco da modernidade. A urbanização como fenômeno planetário e como processo civilizador é característico do dito ocidente moderno (Perez, 1998, p. 13).

Nesse sentido, versamos sobre uma Teresina na qualidade de cidade materializada e sensível⁷, evidenciando uma capital

7 De acordo com Pesavento (2007), “a cidade materializada é aquela constituída pela malha urbana (ruas, avenidas, pontes etc.) e suas edificações. A cidade sensível é uma cidade imaginária construída pelo pensamento e que identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores desse espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos desta ou daquela forma a realidade tangível. A cidade sensível é aquela responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que se realizam na e por causa da cidade.” (Pesavento, 2007, p. 14, grifo da autora).

que almejava ser moderna, mas que ainda abrigava traços passadistas. Dessa forma, optou-se por uma estrutura de texto sem divisões, tendo em vista que todos os aspectos abordados fazem parte de um conjunto que se articula de igual maneira para a construção do todo.

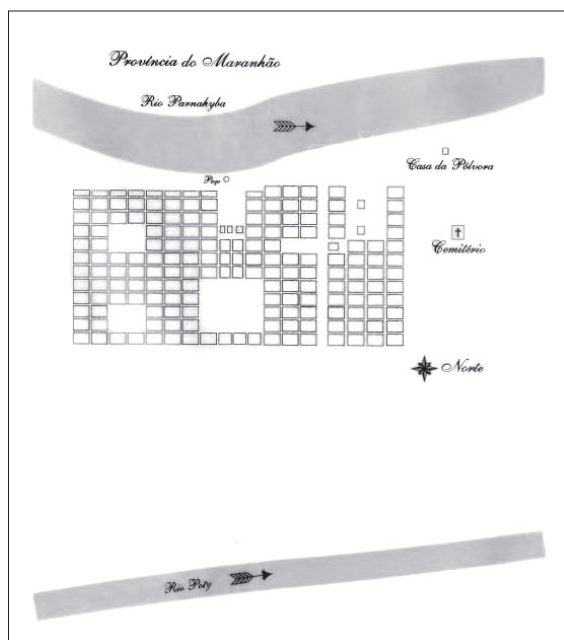
Desde a sua criação⁸, Teresina foi pensada para ser uma cidade que abrigasse em um só local traços modernos, como centralidade e salubridade, sendo que a primeira característica que concretizou as tendências da modernidade foi o traçado em formato geométrico, criado pelo então presidente da província, José Antônio Saraiva⁹. Ao contrário de outras cidades brasileiras, Teresina não surgiu de forma espontânea, mas planejada e em local estratégico. O delineado em linhas paralelas refletia uma imagem de cidade racionalizada em que o progresso e a riqueza estavam a pleno vapor. Conforme Nunes e Abreu (1995), o planejamento urbanístico decorria de uma série de mudanças que ocorriam na época:

-
- 8 Conforme Nunes (1972, p. 95-109), ao tomar posse em 07 de setembro de 1850, José Antônio Saraiva assume o compromisso de “melhoramento moral e material da província”. Para tanto, em 22 de outubro do mesmo ano, ele vai à Vila Nova conhecer as condições locais da futura capital. “As vantagens da mudança da Capital para as margens do Parnaíba, para a Vila Nova, que tão alvissareiramente crescia próxima às ricas margens banhadas por um dos melhores rios do Brasil: salubridade, capacidade para arrebatrar a Caxias o comércio do Piauí, facilidade para as relações comerciais e políticas com a Corte e os grandes centros do Império, mais rica zona agrícola da Província e, portanto, maiores possibilidades para o progresso.” Saraiva queria que a nova capital fosse precursora da prosperidade no Piauí. A primeira construção foi a igreja matriz, cuja pedra fundamental foi assentada em 25 de dezembro de 1850. A partir dela, todas as outras construções deveriam partir. Em 21 de julho de 1852, por meio da resolução nº 315, a Vila Nova foi elevada à categoria de cidade com o nome de Teresina.
- 9 José Antônio Saraiva, advogado e político, nasceu em 1823, em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo baiano. Em 1850, foi nomeado presidente da província do Piauí, cargo que exerceu até 12 de março de 1853. Em sua administração, a capital foi transferida de Oeiras para Teresina.

Esta proposta de mudanças trouxe no seu bojo uma novidade, que foi o planejamento da estrutura da cidade, isto é, foi concebido um plano de construção da nova capital. Ao contrário de outras aglomerações urbanas que surgiram espontaneamente, o “plano” de construção de Teresina previa sua extensão, seu ponto central – a Igreja do Amparo – a partir do qual deveriam se orientar todas as outras medidas de demarcação da cidade de Teresina e o traçado das ruas em linha reta, cruzando-se umas com as outras, dando-lhes a forma de um tabuleiro de jogo de xadrez (Nunes; Abreu, 1995, p. 96).

O formato de tabuleiro de xadrez (figura 1) remetia à ideia de regularidade e tinha como ponto central a Igreja do Amparo, de onde as demais edificações deveriam partir.

FIGURA 1 – MINIATURA DO PLANO DE TERESINA



Fonte: Abreu e Lima (2000).

Fenômeno semelhante ao que ocorreu no processo de construção de Teresina foi a idealização e edificação da cidade de São Petersburgo, a qual foi planejada com a finalidade de ser o símbolo da nova cultura secular. Seu traçado geométrico e retilíneo era atributo necessário para projetar uma imagem de progresso e desenvolvimento. Nessa perspectiva, Santos (1998) afirma que a execução do projeto moderno nas cidades se dá por meio de instrumentos como o traçado em xadrez, a higienização, a segmentação do espaço urbano e ainda as constantes reformas urbanas. Conforme Berman (2007), esse tipo de modernização imposta é característica de países atrasados e subdesenvolvidos, onde o processo de modernização não se dá por aventura, mas por rotina.

O projeto modernizador pelo qual o país passava chegou tardiamente a Teresina, que empreendeu diversos esforços no sentido de acompanhar o progresso da época. Os primeiros símbolos da modernidade surgiram na capital do Piauí no início do século xx, como o serviço de abastecimento de água (1906), o telefone (1907), a energia elétrica (1914) e o bonde com motor a explosão (1927) (Nascimento, 2015). No entanto, alguns melhoramentos ainda funcionavam de forma precária, como o serviço de abastecimento de água, privilégio que não abrangeu de forma satisfatória toda a população teresinense, conforme relato de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, no 4º volume de sua coletânea intitulada *Rua da Glória*. De acordo com o autor, entre 1935-1945, “as águas do Parnaíba eram muito barrentas e o serviço de tratamento – naquele tempo – era muito precário. Às vezes era necessário ferver a água, antes de filtrá-la” (Monteiro, 2015, p. 74). Da mesma forma, o serviço de iluminação pública

continuou precário, dez anos depois da inauguração, continuou precário, funcionando apenas no período de 19h às 21h. Segundo Orgmar Monteiro, no 5º volume da coletânea *Teresina descalça*, “Certa noite Dina acordou, era muito tarde, a luz elétrica já fora desligada, e ouviu barulho na varanda: – Quem está aí?” (Monteiro, 1988, p. 480).

Apesar do progresso que adentrava a cidade, seu adensamento populacional permaneceu lento durante a primeira metade do século xx. Conforme afirma Queiroz (2011, p. 19): “O crescimento demográfico de Teresina entre 1872 e 1940 não é dos mais acentuados e não alcança sequer a média do Estado no mesmo período.” No entanto, ainda de acordo com essa autora, os dados quantitativos não são suficientes para a elaboração de um panorama bem delineado do momento, sobretudo, porque não revelam, de fato, o sentido do novo e as novas funções que a cidade passou a incorporar.

Em 1929, o calçamento chegou a Teresina, onde a pavimentação poliédrica era uma benfeitoria ainda desconhecida por parte da população, como se observa na seguinte citação:

Diziam os seus pais, os meus pais, os nossos avós e os adultos, todos confirmavam que era verdade. As ruas da cidade de Belém eram calçadas. Eu não poderia acreditar. [...] E, ainda houve mais, a defesa do meu primo e padrinho João Paulo, que estivera no Rio, dizendo que lá era com asfalto que recobriam o chão das ruas. Foi o coroamento do absurdo. E o que diabo seria asfalto? Anos depois vi, com os próprios olhos, as ruas da minha querida Teresina sendo calçadas. Agosto de 1929. O fato ressurgiu do fundo do subconsciente. Rua Calçada. Isto é o calçamento que as primas disseram. Estão fazendo aqui. E o asfalto? Como será? Cobriam o interstício das pedras com piche. Asfalto seria isso? (Monteiro, 1988, p. 427).

Esse melhoramento, ainda que restrito a uma pequena parcela da população¹⁰, trouxe maior comodidade, eliminando a lama e a poeira e garantindo uma maior mobilidade urbana e bem-estar aos cidadãos assistidos.

Dando continuidade ao projeto modernizador de Teresina, em 1932, com a nomeação de Luís Pires Chaves¹¹ para prefeito da capital, várias alterações ocorreram, principalmente, na malha urbana. Conforme Nascimento (2015), nessa gestão, atenção maior foi dispensada ao melhoramento da malha viária de Teresina, com o objetivo de fornecer à cidade maior mobilidade urbana e ventilação. A modernidade, a partir das ações do gestor, era “sentida”, sobretudo, através dessas alterações que visavam dar uma nova imagem à capital.

Depreende-se que Pires Chaves projetou a construção de grandes vias de tráfego, provavelmente avenidas, que interligassem os pontos de chegada e saída da cidade com o “centro”, local onde se concentravam os hotéis, as repartições públicas, municipais, estaduais ou federais e os principais logradouros públicos. [...] O engenheiro trabalhou com as modificações que o traçado antigo precisaria sofrer, mas de forma que servisse de referência, pois dele derivaria todo o

10 De acordo com Nunes (2002, p. 102), nove anos após seu início, em 1938, o calçamento era um privilégio de poucos: “Teresina, [...], compreendia apenas o centro histórico delineado pelo Conselheiro Saraiva, seu fundador, que ia, em sentido latitudinal, da beira do rio, que ainda não era pavimentada, ao chamado Alto da Moderação, uma elevação que correspondia à altura da igreja de São Benedito; e em sentido longitudinal, da rua da Estrela, atual Des. Freitas, que também não tinha calçamento, à rua Stº Antonio, hoje Olavo Bilac, para além da qual era o Barrocão, um riacho coberto de enorme matagal que hoje compreende a Av. José dos Santos e Silva. [...] Aqui chegando, fui residir na rua S. José, atual Félix Pacheco, também sem calçamento, pois este ia apenas até à rua vizinha a Paissandu, e do lado oposto, só chegava até à rua da Glória, atual Lizandro Nogueira.”

11 Engenheiro civil e prefeito de Teresina no período de 1932 a 1935.

traçado. O técnico sonhava com a adequação da cidade a um dos símbolos da modernidade, o automóvel, que começou a ganhar espaço (Nascimento, 2015, p. 140).

A cidade se atualizava continuamente durante a primeira metade do século xx, sendo o *status* de urbe moderna legitimado pelos discursos que a elite e os intelectuais reproduziam. Em jornal da época percebe-se o desejo dessa minoria de compartilhar a modernidade:

Muito se tem dito e não é enfadonho dizer que Teresina progride a olhos vistos. O progresso atacou-a em cheio. E isto é uma verdade nua e crua, sem o manto diáfano da fantasia, no dizer acertado do escritor português. De uns três ou quatro anos para cá, transformações têm sido enormes, os melhoramentos se fazem sentir em todos os setores da sua vida (Vanguarda, 1939, p. 4).

Paralelamente às mudanças ocorridas na infraestrutura, novos hábitos e costumes se fizeram necessários para que a distância entre a realidade e a tão almejada modernidade fosse possível. Para tanto, em 1939, foi criado um código de posturas, instrumento de controle social que, além das medidas higienistas, focou nas sociabilidades. Entretanto, observa-se a ausência de maturidade na capital piauiense nos anos 1930 e 1940, um reflexo do atraso do Piauí em relação aos demais estados do país, como se verifica no seguinte fragmento publicado em jornal local:

Chamamos a atenção das autoridades competentes para o desrespeito ao Código de Posturas do Município de Teresina, que, nem pelos habitantes e nem pelos próprios funcionários da fiscalização municipal, que sem ligarem

a menor importância ao supracitado código, permitem desobediência completa aos artigos 55, 96, 98 e 102, com referência a terreno e limpeza e higiene públicas.

Na parte de costumes e aspecto da cidade, estão também inobservados pela respectiva fiscalização (sic), o artigo 113 e seus incisos.

Ainda o art. 451, proíbe terminantemente, que se conserve estábulos ou cocheiras nas zonas central e urbana e que seja somente permitido nos limites com esta, numa faixa de 200 metros, da zona suburbana.

Por hoje é só. Esperamos que sejam tomadas providências pelas autoridades municipais no sentido de cumprir e fazer ser cumprido o Código de Posturas Municipal. (Desrespeitado, 1947) (sic)

Os novos desafios impostos pela modernidade chegaram a Teresina de maneira avassaladora, provocando um misto de felicidade, liberdade, caos, remetendo à segunda fase da modernidade apontada por Berman (2007, p. 26), em que a sociedade ainda vivencia duas realidades bastante distintas:

Esse público partilha o sentimento de viver em uma era revolucionária, uma era que desencadeia explosivas convulsões em todos os níveis da vida pessoal, social e política. Ao mesmo tempo, [...] ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro.

Entre as décadas de 1940 e 1950, para dar à cidade uma nova aparência, várias providências foram tomadas, em boa parte, devido à comemoração do centenário da capital, em 1952:

[...] durante a metade do século xx, Teresina [...] foi alvo de diversos esforços e empreendimentos no sentido de retomar

o projeto de cidade moderna que, desde muito tempo, tentava-se implantar no tecido urbano da capital. Entre as décadas de 1940 e 1950, a ideia de modernização da sociedade atravessa as mentes e corações de políticos e intelectuais, e a cidade torna-se, então, um verdadeiro “canteiro de obras”. Do lado do poder público, foram adotadas [...] medidas administrativas na tentativa de modificar a própria fisionomia urbana da cidade. [...] Grande parte das medidas tomadas tiveram como principal pretexto as festividades de comemoração do centenário da cidade, programadas para o ano de 1952 e que deveriam ser um marco na história da capital [...]

[...]

[...] são adotadas medidas visando a melhor sinalização das ruas, para facilitar o tráfego de automóveis, que até a década de 1950, ainda tinham número reduzido. Mudanças também foram feitas no alinhamento e nivelamento, de modo a oferecer mais ampla e conveniente disposição para o embelezamento, ventilação, salubridade e higiene da cidade. Além de mudanças estruturais, algumas ruas chegaram a receber novos nomes, perdendo as antigas denominações, consideradas pitorescas para os padrões de cidade moderna defendido pelos administradores do espaço urbano. (Andrade, 2009, p. 21).

É importante ressaltar que essas alterações físicas se deram essencialmente na parte central da cidade, enquanto a periferia ficou à margem do progresso. Durante os meses de chuva, essa população convivia com enchentes e lama; no período seco, com a poeira e os problemas respiratórios. Havia ainda casas de palha de coco babaçu, animais perambulando pelas ruas, surtos de doenças, ausência de água encanada e ruas pavimentadas. Essa era a outra face da cidade, a qual envolvia a maioria da população, um povo

carente que não usufruía dos mesmos benefícios que chegavam aos moradores abastados.

Em face desse cenário, no processo de modernização de Teresina, percebe-se a existência de duas cidades: uma ideal, moderna, presente no imaginário dos sujeitos, e outra, arcaica, em que a realidade era eivada de imperfeições e desequilíbrios. A cidade materializada, em que o novo coexistia com o velho, não correspondia à cidade sensível, visto que a população mais pobre continuou convivendo com as marcas do provincialismo, como se pode observar em notas publicadas em periódico da época:

Inúmeras têm sido as queixas que nos trazem diariamente moradores da Avenida Miguel Rosa e Piçarra, contra a onda infundável de poeira que continuamente (sic) vive no ar á passagem ininterrupta de automóveis, caminhões, ônibus e jeeps.

Reclamam aqueles pobres infelizes, que naquelas duas zonas vem grassando intermitentemente a gripe.

Por nosso intermédio dirigem eles um apelo ao vontadoso sr. dr. Prefeito, no sentido de conseguir que o Governo do Estado cêda os carros de bombeiros, que atualmente outra coisa não fazem sinão abastecer de água as casas *dos novos de cima*, proceder a duas irrigações diárias – pela manhã e á (sic) tarde, com o que será prestado um valioso benefício aos moradores daquelas duas zonas da cidade (Um..., 1947).

– Que homem exquísito!

– É gente da Piçarra. Tem grande diferença do povo de Teresina, dêste povo que o Governo olha com carinho.

– Qual a diferença entre êles?

– Os piçarrentos vivem sempre tossindo a poeira da zona e têm uma acentuada sujeira de côr amarelo-queimado na roupa, principalmente nas dobras do palitô e da camisa...

E, se a Saúde Pública não encarar a situação daquela gente, teremos, em pouco, um bairro de tuberculosos (Poeira, 1947).

Nesses trechos fica evidente que a modernização pela qual a cidade passou não atingiu toda a população de forma igualitária, aparentando ser muito mais uma maquiagem dos problemas que, de fato, a modernização para que se encaminhava o restante do país. A periferia ainda sofria com a ausência de ruas pavimentadas e surtos de gripe, devido à poeira provocada pelos novos meios de transporte frutos do processo modernizador. Outro aspecto a ser destacado é a forma como essa população marginalizada era identificada e os privilégios que tinham os habitantes mais ricos. A periferia ficava, pois, à mercê de uma pequena minoria que detinha o poder econômico, gerando cada vez mais desigualdades. A partir daí, é perceptível como a má distribuição de renda, aliada a fatores como a ineficiente administração dos recursos públicos, a falta de investimentos nas áreas culturais, sociais, de saúde e educação, tornou esse problema mais grave.

Ao tempo em que a fisionomia da cidade se alterava, evidenciando as novas diretrizes advindas da modernidade, a vida cultural¹² em Teresina também testemunhava as novas configurações que esse período impunha. Dessa maneira, assim como as melhorias ocorridas na malha urbana da capital estabeleciam novas formas de agir e pensar, as novidades¹³ no âmbito cultural também afetaram

12 Para fins deste estudo, só serão abordados os aspectos que surgiram na primeira metade do século XX, desconsiderando-se o teatro, a música e outras sociabilidades que já eram formas de lazer no século XIX.

13 No tocante às novidades, Queiroz (2008, p. 8) afirma que “tomadas em sentido literal,

diretamente os hábitos e costumes da sociedade da época. Conforme Queiroz (2011), as novidades modernas, como, por exemplo, o teatro, a música, o cinematógrafo e a literatura, eram sinônimos de civilidade e refinamento cultural, assim, o indivíduo que se apropriava dessas novas formas de lazer já estaria em um patamar mais elevado em relação aos demais.

Um fato curioso advindo dessas novas formas de entretenimento foi a acentuação das desigualdades sociais provocada pelo processo de modernização, visto que somente uma pequena parcela da população teria acesso, fosse pelo baixo poder aquisitivo de grande parte da sociedade *versus* os altos preços cobrados em cada apresentação, fosse pelas vestimentas inadequadas para o ambiente de entretenimento, como observa Queiroz (2008, p. 15):

Há que se ter dinheiro para o teatro e para o cinema, para vestir e para calçar melhor, para consumir novos produtos industriais, para a escola particular, para as aulas de música. Os sonhos são outros sonhos, seus espaços cresceram, as fantasias modificaram-se.

Essas condições remetem ao pensamento de Marx e Engels (1998) no tocante à burguesia, às relações de produção e, conseqüentemente, às relações sociais, ou seja, o capitalismo, consequência da era moderna, em sua constante ambição por produzir novas tecnologias, afeta diretamente as relações sociais:

nem todas as formas de vivência do lazer [...] são essencialmente novas. Novo é o sentido que é dado a elas, novas são as funções que lhes passam a ser atribuídas, nova é a sua condição de veículo modernizador e civilizador.”

A burguesia só pode existir com a condição de revolucionar incessantemente os instrumentos de produção, por conseguinte, as relações de produção e, com isso, todas as relações sociais. Essa revolução contínua da produção, esse abalo constante de todo o sistema social, essa agitação permanente e essa falta de segurança distinguem a época burguesa de todas as precedentes (Marx; Engels, 1998, p. 12).

Como enfatiza Berman (2007), a industrialização da produção, que tem como matéria-prima o conhecimento científico, é uma das fontes que sustenta a modernização, e foi nesse sentido que o cinematógrafo se manifestou na capital do Piauí nos primeiros anos do século xx. Além de Teresina, essa tecnologia percorreu outras cidades do interior do estado e também Caxias, no Maranhão. Ninguém queria ficar de fora dos benefícios que a modernidade proporcionava, desse modo, novos hábitos e formas de comportamento despontaram com o cinematógrafo, como o caso das senhoras da alta sociedade que copiavam os modelos dos trajes das atrizes para acompanhar a moda.

O cinema [...] foi um dos grandes propagadores da moda, se não o maior deles. Influenciou sobremaneira na divulgação das roupas, dos penteados, das maquiagens e do próprio estilo de vida das pessoas. É possível afirmar que foi, dentre as diversões do início do século xx, a que teve enorme força na construção de uma civilização. No espaço local, ele afastava a população teresinense de uma tradição que relembrava um passado arcaico trazendo, inclusive, os novos modismos para a cidade. (Albuquerque, 2016, p. 30).

O quadro 1 apresenta a trajetória evolutiva dessa tecnologia, evidenciando que seu desenvolvimento se deu de forma

rápida e contínua nos primeiros anos do século xx, uma vez que o ritmo de mudança imposto pelo processo de modernização era acentuado.

QUADRO 1 - EVOLUÇÃO DO CINEMATÓGRAFO EM TERESINA
NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

ANO	FATO
1902	Coleção com vistas móveis e fixas
1906	Aparelho servido por luz elétrica
1907	Exibições fotográficas animadas
1908	Cinematógrafo falante
1913	Inauguração do primeiro cinema diário

Fonte: Queiroz (2008).

A evolução demonstrada no quadro 1 permite perceber os progressos que o cinematógrafo teve ao longo das primeiras décadas do século xx quanto ao aspecto tecnológico, mas a evolução se deu também na percepção do público em relação a essa forma de lazer. De acordo com Queiroz (2008, p. 52),

Nos primeiros anos de exibição cinematográfica, o que estava em destaque eram os mecanismos, a iluminação, o enredo e a perfeição técnica e visual das fitas. [...] Só quase na passagem para os anos 1920 é que atores e atrizes estarão no centro das matérias sobre cinema, transformando-se em atrativo para o público, que já os associava a trabalhos anteriores.

A autora acrescenta ainda que

O que não resta dúvida é de que, no início da década de 1920, os filmes e os artistas vêm para o primeiro plano, e os frequentadores já estavam suficientemente habituados com essa diversão, não se fazendo mais necessário apelar para o chic da frequência. O que se considera agora é o valor dos filmes, a qualidade da interpretação dos atores e a beleza ideal das atrizes. Agora a mistificação centra-se não mais na ciência, na tecnologia e nos maquinismos, e sim na vida, na beleza e na atuação dos artistas (Queiroz, 2008, p. 63).

Consagrado como a principal diversão em Teresina na década de 1930, o cinema continuava em constante evolução. Em 1935, o cinema falado chegou à capital do estado:

Fora do calendário havia o cinema, que era coisa do ano todo e já se firmara como a diversão fundamental. [...] A minha infância e conhecimento do cinema é marcado pela passagem do cinema mudo ao sonoro. Iniciado nos Estados Unidos no ano do meu nascimento (1927), só chegou a Teresina em 1935, com um atraso, vergonhoso para os teresinenses, pois aquele progresso já chegara à Parnaíba (Monteiro, 2015, p. 121).

Nesse período, surgiram na capital vários cinemas, a saber: Olympia (1935), na praça Rio Branco; Cine Rex (1940), na praça Pedro II, e o Cine São Luís (1941). Em uma cidade com poucas opções de lazer, essa tecnologia exerceu uma influência preponderante no campo cultural, conferindo a Teresina posição de município em pleno desenvolvimento.

A percepção que a sociedade tinha do cinema oscilava entre os benefícios e malefícios que esse mecanismo poderia acarretar à população. De um lado, estavam aqueles que o

defendiam, justificando seu valor assentados nos conceitos de modernidade, que essa forma de diversão trazia embutida em seu cerne. Em contrapartida, a parcela mais tradicional da sociedade considerava o cinema como invenção do diabo¹⁴, imputando-lhe uma série de comportamentos nocivos e crises social e econômica (Queiroz, 2008).

Sob a ótica do progresso, outro aspecto que surgiu na primeira metade do século xx, propiciando muitas mudanças na vida cultural de Teresina, em especial na literária, foram os cafés, bares e restaurantes¹⁵. Da mesma forma que o teatro, o cinematógrafo, a música e outras formas de lazer que predominaram nesse período atribuíam *status* de civilizado, moderno, projetando a imagem de refinamento cultural, os cafés e restaurantes detinham igualmente esse poder. Pontos de encontro predominantemente masculinos, foi nos cafés e restaurantes que a vida boêmia se desenvolveu, impulsionando o enriquecimento cultural da cidade, fruto das discussões ocorridas nesses espaços. Conforme Queiroz (2011, p. 177),

A boêmia, que está ligada sobretudo à vida estudantil, não se esgota nela. Assim, da década de 1880 até pelo menos a segunda década do século xx, foi possível rastrear essa vida boêmia dos literatos, quase morta em alguns momentos, porém revitalizada

14 Conforme Queiroz (1998, p. 41), “a perspectiva que aborda o cinema enquanto invenção do diabo está ligada à concepção da Igreja em torno do lazer moderno, particularmente no início do século xx. A questão posta nesses termos se desdobrou por toda a primeira metade desse século. Até pelo menos na década de 1950, o tema era bastante discutido, a despeito dos velhos argumentos virem revestidos de uma nova roupagem”.

15 De acordo com Monteiro (2015), esses espaços representavam o que era de mais sofisticado na cidade, sendo considerados pelos homens como uma espécie de “escritório”. Em *Tradição e invenção III: discursos acadêmicos*, Nunes (2002) refere-se ao Bar Carvalho e ao Café Avenida como centros políticos e intelectuais da cidade.

em outros e aferir da sua importância enquanto lugar de difusão e criação cultural. Assim, os processos de gestação e de difusão de uma cultura própria da instância local estão relacionados à vida noturna específica dos grupos intelectuais e é nesse espaço que muitas das produções poéticas - muitas vezes de inspiração e realização coletivas - são escritas, ideias de dinamização cultural são discutidas, planos e projetos pessoais e de grupo são definidos. O encontro de gerações e a igualdade proposta vivida no espaço da boêmia criam e fortalecem elos comuns de percepção do mundo e da sociedade, bem como reforçam a identidade dos intelectuais enquanto grupo ou categoria específica.

A tradição dos cafés, bares e restaurantes em Teresina fomentou o desenvolvimento de grupos¹⁶ que ali se encontravam para a troca de ideias, por isso, nesses espaços, a vida literária teresinense amadureceu. Ao longo do tempo, entretanto, essa prática foi se diluindo, permanecendo apenas as discussões e as ambições de grupos de jovens estudantes em se constituir como a geração que deu um novo fôlego às letras piauienses.

Dos bares, cafés e praças da cidade, essas discussões projetavam-se para a imprensa local, onde vários desses jovens escritores publicavam periodicamente textos sobre as novidades no mundo das artes e sobre o papel dos novos intelectuais de Teresina, a exemplo do que encontramos nos diversos escritos de O. G. Rego de Carvalho veiculados nos periódicos da época, especialmente no final da década de quarenta, quando já se podiam avaliar com mais clareza os resultados obtidos com a experiência dos grupos (Andrade, 2009, p. 31).

16 As agremiações surgidas em torno desses espaços de sociabilidades serão abordadas no capítulo seguinte.

O periodismo literário no Brasil exerceu, durante muito tempo, importante função na construção e difusão da literatura nacional, tendo em vista o baixo custo dos jornais, o que possibilitou um maior estreitamento de laços entre público leitor e produções literárias. No Piauí não foi diferente, posto que a imprensa¹⁷ assumiu, também, relevante função, sendo que, juntamente a outros acontecimentos favoráveis, como a implantação de escolas particulares e a ampliação da rede pública de ensino, desempenhou o papel de aliada no estabelecimento de uma literatura regional¹⁸, nos moldes descritos por Candido (2010).

Os motivos que levavam os literatos a publicarem seus textos em folhetins eram vários, dentre eles o prestígio e o retorno financeiro (Sodré, 1977). No Piauí, o jornalismo literário contou com vários jornais que publicavam, além de livros e novelas brasileiras, obras de autores piauienses. Esse cenário corrobora a visão de que

O papel mediador entre literatura e sociedade assumido pela imprensa, desde o seu surgimento e fortalecimento no continente europeu, reside, antes de tudo, no fato de ter propiciado as condições materiais para legitimar a produção

17 A despeito de a imprensa ter surgido no Piauí no século XIX, portanto, não fazendo parte do período abarcado nesta pesquisa, ela será abordada aqui de forma breve, tendo em vista seu relevante papel para o estabelecimento da literatura no estado.

18 O jornalismo literário chegou ao Piauí por volta de 1850 e, já nas primeiras décadas do século XX, tornou-se a modalidade mais utilizada por escritores e jornalistas, atuando como ferramenta de fomento à produção e difusão literária, bem como proporcionando entretenimento ao público leitor. Enquanto função pedagógica, a imprensa trabalhou para transformar os alfabetizados em leitores, contribuindo para o crescimento do número do público de obras literárias e popularizando, dessa maneira, a literatura. Como polo unificador de várias ações que tinham como objetivo a movimentação da vida literária piauiense, a imprensa também colaborou para a criação de um importante órgão de desenvolvimento cultural do Estado, a Academia Piauiense de Letras (Magalhães, 1997).

escrita no meio social, promovendo a literarização de determinados textos (Magalhães, 1997, p. 42, grifo do autor).

A respeito da importância dos jornais para o estabelecimento e difusão da literatura, Magalhães (1997, p. 61), afirma ainda que

[...] constituíam-se, [...], fiéis aliados da literatura, colaborando na difusão da produção literária local e incentivando o público à aquisição e à leitura de obras recém-lançadas. Ainda que não dispusessem de suplementos literários, inovação que só seria adotada bem mais tarde, a imprensa piauiense do período mantinha seções ou colunas voltadas para temas relacionados à literatura.

Entretanto as dificuldades relativas a essas iniciativas eram inúmeras, visto que eram empreendimentos de pequeno porte, de circulação não-diária, dispondo, na maioria das vezes, de um só indivíduo com a responsabilidade de executar todas as funções relacionadas à atividade. Tal estado de precariedade também afetava as revistas literárias, como expõe Magalhães (1997, p. 63): “A exemplo do que ocorria com os jornais literários, as revistas literárias mantinham-se com dificuldades financeiras, em virtude da ausência de público que garantisse a comercialização da pequena quantidade de volumes editados.”

Apesar dos problemas enfrentados por esses projetos, o jornalismo literário esteve presente durante toda a primeira metade do século xx, observando-se, a partir da metade da década de 1940, o crescimento do número de revistas e jornais literários cujo objetivo era renovar a literatura nacional e lançar novos escritores (Silva, 2005). Essa conjuntura se deu, basicamente, devido ao que ocorria no cenário nacional:

No meio literário teresinense da metade do século, o período compreendido entre o final da década de 1940 e o decorrer da década 1950 foi vivenciado num clima de muita euforia, sendo marcado por um desafiador desejo de inovar, em grande parte inspirados nos anseios e projetos dos homens de letras que atuavam em outras cidades do país, onde foi possível assistir à emergência de diversos grupos de jovens interessados em assumir a vanguarda do processo de transformação social através de uma intensa e diversificada atuação no meio intelectual das cidades onde moram (Andrade, 2009, p. 25).

Em face de todas as mudanças ocorridas na sociedade brasileira e inspirados pelas questões culturais que vinham sendo debatidas no cenário nacional, esses jovens tomaram para si a tarefa de colocar em prática os ideais modernistas com vistas a renovar a produção literária local. Nessa perspectiva, a rejeição aos padrões estéticos e ideológicos tradicionais não se deu em função de serem de baixa qualidade, mas simplesmente porque não se adequavam aos modelos em voga. Dessa forma, a renovação pretendida pela mocidade engajada de Teresina foi uma maneira de promover uma atualização cultural na capital, bem como de galgar uma carreira e projetar os demais escritores nas letras nacionais, fato que ocorreu de maneira gradativa e em circunstâncias diferentes.

É nesse contexto e com esse propósito que surgiu a revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, cujos membros fundadores e suas trajetórias são abordados a seguir.



3

OS FUNDADORES

Neste capítulo a atenção se volta aos fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano*. Não obstante esse periódico ter sido desenvolvido mediante a colaboração de diversos sujeitos, seu núcleo principal e idealizador foi formado pelos jovens Hindemburgo Dobal Teixeira, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho. Dessa forma, aborda-se a biografia¹⁹ desse trio fundador com ênfase na inserção de cada um no cenário intelectual piauiense. A pertinência dessa abordagem reside no fato de que

Traçar a biografia de uma pessoa é notar que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças

19 O recorte temporal utilizado neste capítulo contemplará apenas o período do ano do nascimento dos membros fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano* até 1950, ano em que o último fascículo do periódico foi publicado.

que se manifestam não somente ao longo da vida, mas, principalmente, as diferenças dele com as demais. A biografia, então, cria suportes que tornam a pessoa como única, mas que apresenta traços que a aproximam dos demais que fazem parte do mesmo grupo ou que compartilham de ideias ou de práticas relativamente comuns ou semelhantes. É no destaque das diferenças que se percebem não só as exclusões, mas as inclusões da pessoa no grupo e na sociedade, ou seja, a biografia revela as tensões entre as diferenças e semelhanças (Fontineles Filho, 2017, p. 49).

Nesse sentido, percorrer a trajetória dos escritores servirá como apoio para se perceber o cenário sociocultural e os anseios da época, assim como a maneira como esses jovens se articulavam para obter o reconhecimento nos cenários local e nacional, com suas contribuições para a movimentação da vida cultural do estado. Ademais, esses relatos de vida possibilitarão identificar os pontos convergentes e divergentes entre os membros que formaram a revista *Caderno de Letras Meridiano*, para, a partir daí, pensar na publicação como um veículo que abrangeu diferentes perspectivas.

Como parte das estratégias que visavam à publicidade com o objetivo de serem reconhecidos no meio cultural da época, estavam a divulgação, em revistas e jornais, de textos que enalteciam os novos nomes e suas realizações, a organização de grupos de debate sobre as questões artísticas e literárias e a promoção do estado no cenário nacional. Dentre esses grupos, estavam a Arcádia, o Clube dos Novos e a Associação Brasileira de Escritores (ABDE) – seção Piauí, todos criados e mantidos no período que compreende os anos de 1945 a 1950.

Além desses aspectos, neste estudo também se trata dos autores mais lidos pelos membros fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano*, com vistas a identificar as influências presentes no objeto de estudo e apontar as tendências literárias que permearam o ambiente cultural da época e os assuntos de interesse desses grupos. Não se pretende elencar a rede de leituras de Hindemburgo Dobal Teixeira, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho com o objetivo que compete à literatura comparada, o qual, segundo Pageaux (2011), é estabelecer relações, estudar permutas e refletir sobre os diálogos existentes entre as literaturas e as culturas.

Como mencionado no capítulo 2, em meados da década de 1940, a cena cultural de Teresina começa a se movimentar a partir das ações dos grupos de jovens que se reuniam nos espaços de sociabilidades com a finalidade de debater questões sobre filosofia, política e, principalmente, literatura. Além de renovar a produção cultural do estado, que ainda estava muito atrelada aos moldes clássicos, esses jovens buscavam reconhecimento fora do Piauí, como explica Farias (2015, p. 164):

Esses jovens escritores entendiam que a arte deveria comunicar aos leitores uma mensagem que correspondesse ao momento em que viviam, carregado de preocupações políticas, econômicas, sociais e culturais. Partindo desse pressuposto, inauguraram esses grupos com os objetivos de difundir a arte na sociedade teresinense, elevar a produção cultural da cidade, conseguir a desejada repercussão fora do estado, o que tornaria possível a inserção dessa produção no cenário artístico nacional.

O desempenho desses jovens era divulgado nos periódicos da época como uma maneira de promover a renovação cultural pela qual a cidade passava e de repercutir os novos nomes que estavam surgindo no meio culto. Dentre os periódicos que realizavam esse tipo de divulgação têm-se as revistas estudantis *Voz do Estudante*, *Zodiaco* e *Geração*²⁰. Além da publicidade, outro aspecto que ganhava destaque nas páginas desses meios de comunicação eram as dificuldades que essa juventude encontrava devido à distância da capital em relação aos grandes centros culturais do país. No entanto, isso não impedia os jovens escritores de continuarem a encorajar os companheiros rumo ao tão almejado reconhecimento. Vítor Gonçalves Neto²¹ destaca alguns desses obstáculos e os nomes que estavam na vanguarda do movimento de atualização cultural do estado, dentre eles, o de M. Paulo Nunes e H. Dobal:

Teresina, Cidade Verde de Coelho Neto, embora engastada neste pedaço de terra longínquo do Brasil, embora desconhecida, ameaçada pela distância da civilização, esquecida, amordaçada pela falta de imprensa, embora tímida como até hoje tem sido, guarda dentro de si prosadores e poetas, contistas e dramaturgos que bem poderiam ser glórias no vastíssimo campo da literatura

20 Conforme Andrade (2009) e Farias (2015), as revistas estudantis desempenharam um relevante papel no que concerne ao início da trajetória intelectual da mocidade piauiense, servindo de veículo para a experimentação, divulgação e amadurecimento da escrita dos jovens.

21 Vítor Gonçalves Neto nasceu em Teresina em 04/11/1925. “Poeta, cronista, jornalista, humorista e contista. [...] Pertenceu à Arcádia dos Novos. Bibliografia: “Conversa Tão Somentemente” (1957), crônicas, e “Roteiro das Sete Cidades” (1963 e 1992). Em 1951, com o conto “Fogo”, foi incluído na “Antologia de Contos Regionais Brasileiros”, organizada por Pinto de Aguiar. [...] Faleceu em 1989, em Caxias-MA”. (Adrião Neto, 1995, p. 128).

de nosso país. A terra parece que os encobre, enciumada, como se eles fossem joias de fino valor: brilhantes, safiras, esmeraldas... Um dia, porém, hão de surgir. Rasgarão o ventre da terra numa apoteose de luz para a imortalidade. Fará isto a plêiade de gente moça da minha terra. Dentre toda uma geração o nome de Anísio de Abreu Neto parece surgir como vanguardeiro [...]. Humberto Teles, de Parnaíba, [...], Jessé Ferry, o mago do conto, Paulo Nunes, Ribamar Oliveira. [...] Celso Barros, Hindemburgo Dobal Teixeira e uma infinidade de juventude, um rosário imenso de contas cintilantes no credo da inteligência moça de minha terra. [...] (Gonçalves Neto, 1945, p. 19).

As diversas atividades realizadas nesses espaços de sociabilidades resultaram no surgimento de agremiações literárias, cujo papel ativo promoveu a fermentação de ideias, o estímulo às produções intelectuais e artísticas e despertar do gosto literário na sociedade piauiense. Nesses espaços era onde o intercâmbio cultural era impulsionado, e os jovens escritores tinham a oportunidade de adentrar o segmento intelectual.

Dessa maneira, em 1945, com o propósito de discutir literatura, surge a Arcádia, grupo composto por M. Paulo Nunes, José Maria Soares Ribeiro, H. Dobal, Eustáchio Portella Nunes, Vítor Gonçalves Neto, Arnaldo Victor de Pinho, Edmar Santana, O. G. Rego de Carvalho, Camillo Filho e Afonso Ligório (Conversars..., 2012) (figura 2).

FIGURA 2 – INTEGRANTES DA ARCÁDIA (1947)



Fonte: Silva (2005, p. 192).

Nota: De pé, da esquerda para a direita: Edmar Santana, M. Paulo Nunes, Genésio Pires de Carvalho, Celso Barros Coelho, José Camilo da Silveira Filho, José Ribamar Oliveira e H. Dobal. Sentados, da esquerda para a direita: José Maria Ribeiro e Arnaldo Victor de Pinho.

Conforme publicação na revista *Zodiaco*, M. Paulo Nunes (1945) refere-se àquele momento como uma conjuntura de plena renovação cultural na cidade:

Quem observa atentamente o estudante de nossa terra, no momento há de convir em que alguma coisa mudou na sua mentalidade, na sua maneira de ver. Seja influência da época agitada por que passamos, principalmente no cenário nacional, o certo é que houve muita mudança do ano passado pra cá. O ambiente em que respira em 45 é diferente cem por cento daquele que respirava em 44, e alguns anos antecedentes. Os mesmos moços que viviam roídos pelos mais frios espíritos niilistas em relação à classe, que viviam o seu mundo fora do mundo ambiente, isolados da torre de marfim do seu idealismo, não podem fugir ao imperativo de reconhecer esta renovação. Sim. Mesmo que não seja renovação de ideias, é pelo menos

renovação de pensar, o que não deixa de ser também uma renovação (Nunes, 1945, p. 11).

A partir do fragmento acima, pode-se considerar que a mocidade piauiense, em meados da década de 1940, inaugura uma nova fase na cultura do Estado. A renovação artística de que o Piauí necessitava era tida como uma missão à qual os jovens não podiam ser indiferentes, devendo se unir às multidões em favor do progresso social (Nunes, 1945).

Para o nosso bem ou para o nosso mal, a mocidade deste canto esquecido do Brasil, ou por falta de orientação, ou por provincianismo, ainda não foi presa do delírio. O que observamos é uma mudança na psicologia do comportamento da turma, se assim podemos nos expressar. Por exemplo: na eterna rodinha de estudantes já se ouve alguma coisa que merece ser ouvida. Alguma coisa que traz o cunho de alguma ideia. Alguma coisa nova. [...] Já se nota alguma curiosidade [...]. Tudo melhorou. Ventos benignos começam a soprar nesta direção. Já se vislumbra mais um pouco de luz nos horizontes negros. Três garotos compenetrados, garotos corajosos, garotos homens, o *big-three*²² na expressão de um nosso colega, quebrando muitos grilhões de indiferença, de falta de ousadia; enfrentando confiantes as críticas bestas dos incapazes e pernósticos; lutando com as inúmeras dificuldades do meio ingrato, metem a cara e editam um jornalzinho, o nosso querido *Autêntico*. Fugindo um pouco da vulgar literatura do nosso pequeno passado, que não comporta mais nesta hora, começam a enveredar por lugares mais claros, já se notando uma certa preocupação por questões mais objetivas. (Nunes, 1945, p. 11-12)

22 O *big-three*, a quem M. Paulo Nunes se referiu na publicação, eram Afonso Ligório Pires de Carvalho, jornalista, cronista, contista e professor, Paulo Castelo Branco de Vasconcelos e Fernando Lapa. Eles foram os responsáveis pela edição da primeira fase do jornal.

As reuniões realizadas na Arcádia resultaram na publicação do jornal *Autêntico*, que conforme excerto acima, que teve a circulação de apenas três fascículos. De acordo com Afonso Ligório Pires de Carvalho, um de seus editores, o *Autêntico* tinha a intenção de ser literário, no entanto apresentava conteúdo pobre e alguns erros (Carvalho, 2007).

As obras lidas e os debates ocorridos na Arcádia giravam em torno de autores como, Thomas Mann, Virgínia Wolf, Ernest Hemingway, Liev Tolstói, Romain Rolland, Aldous Huxley, André Malraux, Fiódor Dostoiévski, John Steinbeck, André Gide, Rilke, T. S. Eliot, E. E. Cummings, James Joyce, Dom Miguel de Unamuno, José Ingenieros, Skine Caldwell, De Bonald, Taine, Spencer, Ortega y Gasset, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond, Érico Veríssimo e outros.

O isolamento da capital do Piauí concorreu para as dificuldades de acesso a livros, revistas e jornais, tornando-se, em muitos casos, um obstáculo à atualização dos membros da Geração de 45 no estado. Em *Solidões justapostas*, M. Paulo Nunes (1992, p. 22) relata essa dificuldade:

Na cidade não havia jornais. Os jornais do Rio chegavam com um mês de atraso porque não vinham de avião, quer dizer, vinham pelo Correio, vinham via marítima, de forma que eu me lembro que o grande jornal de idéias, o grande jornal de literatura naquela época, o grande suplemento literário era o suplemento do *Diário de Notícias*, chamado “Letras e Problemas Universais” e o jornal *A Manhã*, que tinha um suplemento também, [...] “Letras e Artes”. Esses suplementos chegavam aqui, às vezes, com atraso de quatro meses. Não havia rádio, praticamente, porque a cidade

tinha uma iluminação precária. De forma que era quase uma aventura a nossa atualização, a nossa permanente preocupação com o debate dos problemas nacionais, os problemas universais também, os problemas da cultura.

Como forma de atenuar essa carência, a mocidade recorria à biblioteca e ao Arquivo Público Estadual.

A diversidade de escritores e, conseqüentemente, a pluralidade de conteúdos e tendências debatidos na Arcádia influenciariam posteriormente os membros diretores do periódico *Caderno de Letras Meridiano*. Apesar de sua duração efêmera, de 1945 a 1947, essa agremiação literária proporcionou à intelectualidade jovem de Teresina o contato com uma grande diversidade de escritores. Com a extinção desse grupo, seus membros migraram para duas outras instituições culturais: o Clube dos Novos e a ABDE-PI.

O Clube dos Novos surgiu em setembro de 1946 e teve como idealizador e presidente M. Paulo Nunes. Essa sociedade ficou conhecida pela publicação do manifesto antiacadêmico e também por ser a primeira a ir contra os preceitos da Academia Piauiense de Letras. O objetivo dessa agremiação era articular uma nova forma de pensamento estético:

Com prazer, registramos a fundação, em nossa capital, a 13 do corrente, do Clube dos Novos [...]. O novo clube lutará pela divulgação em nosso meio, da literatura, do teatro, da pintura, e por tudo que venha contribuir para o alevantamento do nível cultural da mocidade piauiense. A diretoria que regerá os destinos do clube durante o ano em curso ficou assim constituída: Presidente – M. Paulo Nunes; Secretário – Vítor Gonçalves Neto; Tesoureiro – Guadalupe Lima e Representante Oficial – J. Ribamar Oliveira. o clube

dos Novos terá um órgão de divulgação, fará caravanas de intercâmbio cultural pelos estados vizinhos, manterá exposições de pinturas, encenará peças teatrais, terá representantes em todos os estados do Brasil, manterá correspondência com todos os escritores, romancistas, poetas e intelectuais vivos (Farias, 2015, p. 169).

A partir do fragmento acima, depreende-se que as atribuições do Clube dos Novos eram muitas e que todas elas giravam em torno do incentivo cultural no estado do Piauí. Todavia, M. Paulo Nunes afirma, em seu livro *Solidões justapostas* (1992), afirma que a preocupação dessa agremiação foi mais política que literária, o que, possivelmente, fez H. Dobal optar por não fazer parte dessa instituição.

A criação da ABDE-PI, ocorrida em 14 de março de 1947, em uma seção solene do Clube dos Novos, com a presença do poeta Jorge Medauar, representando a Associação Brasileira de Escritores (na época presidida por Guilherme Figueiredo), decorreu da conscientização sobre a importância de ser escritor. O primeiro presidente foi Raimundo de Moura Rêgo, sendo secretário geral M. Paulo Nunes. Em abril de 1948, foi realizada nova eleição para direção e conselho fiscal, foram eleitos: José Virgílio Castelo Branco da Rocha, presidente; M. Paulo Nunes, vice-presidente; H. Dobal, 1º secretário; Edvaldo Reis da Silva, 2º secretário, e Odete Rocha, tesoureira. Para o conselho fiscal, a equipe eleita foi Moura Rêgo, Abraão Atem, Da Costa Andrade, Wilson Brandão e Raldir Bastos (Kruel, 2007).

Dentre as iniciativas promovidas pela ABDE-PI houve a organização do Congresso de Escritores do Nordeste, que seria realizado em Teresina, entretanto esse projeto não prosperou.

O Clube dos Novos e a ABDE-PI, assim como a Arcádia, tiveram duração efêmera: o primeiro durou até o ano de 1949, enquanto o segundo, com a interrupção das atividades das ABDES em outros estados, não alcançou o final da década de 1950. Com a dispersão dos membros dessas instituições, H. Dobal, M. Paulo Nunes e O. G. Rego de Carvalho se articularam em favor da continuidade da renovação cultural no Piauí, através da fundação da revista literária *Caderno de Letras Meridiano*, abordada no capítulo seguinte.

A seguir, trata-se dos membros diretores do periódico.

3.1 Hindemburgo Dobal Teixeira

Considerado um dos grandes poetas contemporâneos da literatura brasileira, Hindemburgo Dobal Teixeira²³, mais comumente chamado de H. Dobal, é conhecido pela sua poesia, que coaduna o universal e os elementos locais. Comprometida com a realidade social, a poética dobalina é o retrato de suas vivências pelo interior do estado, revestidas

23 Nasceu em Teresina no dia 17 de outubro de 1927. Filho de Mário Dobal Teixeira e Rosila de Sousa Dobal Teixeira, cursou as séries primárias na escola onde sua mãe lecionava, o Grupo Escolar José Lopes. Os cursos secundário e superior foram feitos no Liceu Piauiense e na antiga Faculdade de Direito, respectivamente. Do casamento com Maria Creusa Portella Madeira, em 1960, nasceram três filhos, Márcio Dobal, Luciano Dobal e Susana Dobal. Como funcionário público, atuou nas funções de oficial administrativo no fomento agrícola federal, oficial administrativo na Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional e auditor da Receita Federal. Durante o período em que foi funcionário público, morou nas cidades do Rio de Janeiro, Brasília, Londres e Berlim. Na Academia Piauiense de Letras (APL) ocupou a cadeira de nº 10, cujo patrono é Licurgo José Henrique de Paiva. As obras publicadas são: *O tempo conseqüente* (1966), *O dia sem presságios* (1970), *A viagem imperfeita* (1973), *A província deserta* (1974), *A Serra das confusões* (1978); *A cidade substituída* (1978), *Os signos e as siglas* (1986), *Uma antologia provisória* (1988); *Um homem particular* (1987), *Cantiga de folhas* (1989), *Roteiro sentimental e pitoresco de Teresina* (1992), *Ephemera* (1995), *Grandeza e glória nos letrados de Teresina* (1997), *Lírica* (2000) e *Gleba dos Ausentes - uma antologia provisória* (2002).

de elementos que lhe conferem um caráter ecumênico. Além dos retratos do cotidiano, a angústia da existência humana, a melancolia, a solidão e o desamparo são temas que aparecem constantemente na obra desse poeta. Como afirma Silva (2007, p. 26),

A poesia de H. Dobal reflete tensões, angústias da existência presente nos paradigmas natureza, essencialismo, organicismo, mecanicismo e técnica. Em conjunto, [...] apresenta um mundo encantado que vai ficando para trás e um mundo desencantado erigido pelo homem que vai se firmando provisoriamente.

Seu interesse pela literatura foi despertado pelo convívio com os pais. Sua mãe colecionava poemas de escritores brasileiros e portugueses em um caderno, enquanto seu pai, não muito afeito à literatura, apreciava Camões.

Estudante do Liceu Piauiense na efervescente década de 1940, H. Dobal estreou no cenário cultural do estado ainda muito jovem, aos 16 anos, com publicações nas revistas estudantis do período. Antes de se firmar como poeta, atuou como tradutor de escritores como E.E. Cummings e T. S. Eliot, escreveu contos²⁴ e outros gêneros textuais, como, por exemplo, a resenha da obra *Momento em Pekim*, de Lin Yutang, publicado na revista *Zodiaco*:

Em um ano Lin Yutang escreveu um romance admirável: *Momento em Pekim*. O autor dedicou o livro aos bravos soldados da China, que lutam para expulsar os anões malditos de seu país, e para legar uma China livre aos seus descendentes. O livro mostra o despertar da China milenar

24 Conforme Farias (2015), o primeiro conto de H. Dobal, intitulado *Susto*, foi publicado no fascículo nº 3 da revista *Geração de 1945*.

para adaptar-se à cultura ocidental. Mostra a luta renhida travada entre conservadores e reformadores. Mas estes levam a melhor e a nação ocidentaliza-se perdendo muito de seus antigos costumes característicos tão atraentes. O escritor nos fez conhecer Pequim com o bom humor de seu povo, com seus monumentos e suas lendas e também outras províncias da China: as suas montanhas, os seus templos, os seus lagos, suas pontes. [...] É um admirável livro. (Dobal, 1944, p. 10).

As publicações desse tipo indicam uma pequena parcela do leque de obras lidas pelo jovem Dobal na década de 1940 e revelam suas preocupações com o momento que enfrentava. Nesse sentido, pode-se afirmar que a concepção que a mocidade de Teresina tinha da literatura era a de que essa arte deveria expressar as circunstâncias que estavam ocorrendo no dado momento, trazendo as angústias e inquietudes, bem como exprimindo as visões de mundo dos moços (Farias, 2015).

Concomitantemente ao surgimento da Arcádia, H. Dobal iniciou sua trajetória poética com a publicação de diversos poemas que tratavam de temas variados, a exemplo da poesia *Integração*:

Quero integrar-me na substância cósmica do mundo,
identificar-me com as pedras e ser poeira dos caminhos,
ser átomo de luz desfeito pelo espaço,
brilhar na alegria imortal de um poente em agonia,
sorrir pelo indiferentismo longínquo das estrelas,
soluçar no movimento rítmico dos astros
fugir como uma nuvem pelo firmamento azul,
ser diamante sem jaça no fundo esquecido de um rio.
Correr violentamente com as caudas velozes,
arremeter a terra com o mar, como um louco furioso,
ser trecho perdido de uma sinfonia apagada,

Quero ser fogo, ser chuva, ser lágrima, ser riso,
quero ser tudo... e não ser nada.

Quero estar em toda a parte ao mesmo tempo, numa
espantosa ubiquidade,
me dividir, me partir em milhões de células trepidantes,
esquecer o amor, esquecer que um dia a morte chega,
para ser esquecido de todos e por tudo,
para me lembrar do universo em conjunto, como um todo
indiviso,
para descobrir o mistério da vida e o mistério da morte,
e gozar plenamente
o cósmico minuto de inviolável pureza,
de definitiva integração perfeita no universo.
(Dobal, 1945, p. 55).

Os escritos da primeira fase da produção poética de H. Dobal permaneceram desconhecidos²⁵ por muito tempo, sendo marcados como de um período de experimentação e amadurecimento. A maturidade da escrita dobalina se deu, sobretudo, através das leituras e debates de obras de cunho universal ocorridos nas agremiações literárias. De acordo com Silva (2007, p. 24),

Na casa dos quinze ou dezesseis anos, influenciado pela literatura estrangeira e por interesses particulares, H. Dobal resolveu estudar língua inglesa. Entre os propósitos imediatos, havia a intenção deliberada de conhecer os

25 Somente após a publicação do livro *Poesias reunidas*, na década de 1990, é que os poemas que Dobal escreveu na sua juventude passaram a ser divulgados. Os poemas foram publicados na seção intitulada *Poemas da Juventude*, dentre os quais se encontram: *Recado aos jovens do mundo*; *Aos poetas das baladas e dos sonetos*; *Numa noite de frio*; *A última jornada*; *Nesta natal, senhor, há tão pouca alegria*; *Eu, hoje, senti a alegria divina*; *Certeza*; *Tristeza*, *Esplendor*; *Poema*; *A vingança da estepe*; *Indecisão*; *Manhãs de minha terra*; *Paisagem noturna*; *A tragédia no lago*; *Medo*; *Inquietação*; *Integração* e *O último poema*. (Farias, 2015, p. 162).

grandes escritores da literatura universal e preparar-se para a carreira no serviço público. Foi através da língua inglesa que tomou conhecimento das grandes correntes da poesia e do pensamento modernos.

Dentre os escritores da preferência de H. Dobal ainda na adolescência encontram-se T. S. Eliot, E. E. Cummings e Albert Camus, leituras que o influenciaram durante toda a sua carreira literária.

Aos 22 anos, como membro da revista *Caderno de Letras Meridiano*, H. Dobal já se ocupava com temas como a subjetividade humana e toda a complexidade da experiência individual e do homem moderno, a exemplo do texto *D. Quixote versus Robinson Crusóé*, publicado no fascículo nº 2, de 1949. A relação entre o clássico e o novo também figurou entre as preocupações do poeta, o que pode ser visto no ensaio *A diretriz poética dos novos*, veiculado no fascículo nº 1, de 1949.

Além dos textos analíticos, são da lavra de H. Dobal também os poemas *Menino Ulisses* e *Canção de natal para a moça morena*, escritos da primeira fase, publicados nos números 1 e 2, nessa ordem.

O tom cosmopolita ficou a cargo das traduções dos textos dos escritores E. E. Cummings e T. S. Eliot, com *Nalgum lugar em que viajei, alegremente além* e *O correio vespertino de Boston*, respectivamente. Como mencionado acima, esses escritores eram da predileção de Dobal e tornaram-se conhecidos no segmento intelectual piauiense em virtude de o poeta tê-los apresentado. Após o fim do *Caderno de Letras Meridiano* e com uma maturidade intelectual, Dobal se dedicou à publicação de seu primeiro livro, *O Tempo Consequente*, em 1966.

3.2 Manoel Paulo Nunes

Dentre os membros fundadores da revista Caderno de Letras Meridiano, M. Paulo Nunes²⁶ foi, decerto, o que mais se engajou com a renovação cultural no estado do Piauí nas décadas de 1940 e 1950.

Seu primeiro contato com a literatura ocorreu ainda criança, quando, aos 7 anos de idade, foi morar com os avós paternos, Deolindo José Nunes e Florinda Teixeira Nunes, em decorrência do falecimento de sua mãe. Na casa dos avós, as rodas de literatura eram frequentes, e o contato com autores como Castro Alves e Gonçalves Dias se deu por meio da conversão das letras desses autores em músicas (Conversas..., 2012).

Em 1938, ele realizou em Teresina o exame admissional do Colégio Diocesano, no qual se classificou entre os primeiros. Entretanto, no decorrer do primeiro grau, não se destacou dentre os demais alunos:

Estudava pouco porque, naquele tempo, a mensuração do aluno era feita através de provas parciais, provas cuja média de cálculo era geométrica. Somavam-se os pontos para dar 160. Na segunda avaliação (eram quatro provas) você já podia atingir a média de 160 pontos. Então na segunda prova eu já fui aprovado em quatro disciplinas, já havia adquirido nota

26 Nasceu em 11 de outubro de 1925, na cidade de Regeneração. Professor, conferencista, escritor, crítico literário, foi professor no Liceu Piauiense. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito do Piauí. Em 1958, foi professor da Faculdade de Filosofia. Exerceu o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais (MEC). Foi chefe da representação da Universidade Federal do Piauí, em Brasília. Pertence à Academia Piauiense de Letras, ocupando a cadeira de nº 38. Suas obras são: *A Geração Perdida, ensaios e notas críticas* (1979); *A província restituída, ensaios e estudos* (1985); *O Discurso imperfeito, notas para a história da educação brasileira* (1988); *Tradição e Invenção, discursos acadêmicos* (1992); *Solidões justapostas* (1992); *Modernismo & Vanguarda* (2015); *Modernismo & Vanguarda: notas de leitura impressionista* (2017).

para passar, e aí lá no fim é que eu completei os pontos de ciências e de matemática na última prova, porque houve uma dificuldade muito grande comigo no estudo da matemática. [...] Não tinha o desenvolvimento do raciocínio suficiente [...]. Mas fiz os quatro anos, de acordo com as reformas Francisco Campos e Gustavo Capanema, que tinha sido a última. No ano seguinte, houve outra reforma, em que o cálculo da média passou a ser feito de forma ponderada. O peso da avaliação recaía mais nas últimas provas, que eram as mais importantes (Nunes, 2012, p. 31).

Ao concluir o ginásio em 1942, M. Paulo Nunes foi para o Liceu fazer o curso clássico²⁷. Nesse período, seu desempenho melhorou devido a haver no currículo disciplinas como português e literaturas francesa e inglesa.

Apesar de seu interesse pela literatura ter se iniciado somente em 1943, em 1940, ainda em Regeneração, M. Paulo Nunes já havia lido boa parte dos autores modernos da época:

Nessa época, em 1943, no segundo grau, eu comecei a me interessar por literatura. Já havia lido alguns livros na época em que meu pai foi prefeito de Regeneração. Ele era um homem de visão, apesar de ter tido pouco estudo, quase nenhum. Mas, como administrador, ele tinha uma boa visão dos problemas sociais. Como havia algumas bibliotecas públicas em alguns municípios, ele então criou uma biblioteca em nossa cidade. [...] Depois ele inscreveu essa biblioteca no Instituto Nacional do Livro [...]. o instituto patrocinava e coeditava livros e ainda adquiria todas as edições que eram publicadas no país.

27 Curso de caráter humanístico voltado para alunos que fossem fazer os cursos superiores de Direito, Filosofia e Letras (Nunes, 2012).

De forma que a literatura moderna, toda ela foi divulgada nesse período. Eu estava em Regeneração no ano em que meu pai inaugurou a biblioteca, em 1940. Então comecei a ler os modernos. Lendo Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, alguns autores portugueses e outros mais (Nunes, 2012, p. 33).

As leituras realizadas na adolescência lhe dariam, assim, o suporte necessário para sua inserção no universo cultural teresinense e o influenciariam durante toda a vida de escritor.

Em 1943, com o objetivo de ser professor, M. Paulo Nunes traçou um plano de leituras com a finalidade de conhecer toda a literatura brasileira. Ele passou a frequentar o Arquivo Público do Estado, que, naquela época, funcionava também como museu e biblioteca. No turno da manhã, estudava e, nos demais turnos, se dedicava à leitura das obras literárias. Foi nesse período que ele começou a se destacar no cenário intelectual da cidade através da publicação de textos nos periódicos estudantis, que, naquela época, figuravam como importantes veículos de produção cultural. Conforme Farias (2015, p. 112), M. Paulo Nunes colaborou nas revistas *Zodiaco* e *Voz do Estudante* e assumiu a direção da revista *Geração*. O objetivo dessas publicações era a “representação da luta dos estudantes e das referências às ações políticas em prol da sociedade. Achavam-se também no interior das revistas estratégias utilizadas pelos escritores para se firmarem cada vez mais no universo intelectual”.

Das revistas estudantis, M. Paulo Nunes, juntamente com outros jovens, passou a participar da Arcádia, agremiação dedicada à discussão de obras literárias. Através das leituras realizadas no grupo, M. Paulo Nunes (1992) afirma que foi

possível conhecer não somente toda a literatura brasileira, em especial os autores modernos, pelos quais ele declarou ter certa predileção, como também autores portugueses, a exemplo de Eça de Queiroz, Vergílio Ferreira e Miguel Torga. M. Paulo Nunes leu também Virginia Woolf, James Joyce, Marcel Proust, Charles Morgan, Aldous Huxley, Thomas Hardy, Bertrand Russel e Bernard Shaw, o que o tornou detentor de uma vasta cultura. A respeito das influências literárias, M. Paulo Nunes (2017, p. 190), ressalta que

Um escritor, um leitor mesmo, é preciso que se diga, não nasce assim por geração espontânea. Ele é fruto do clima espiritual de sua época, de suas leituras, das figuras dominantes de seu meio cultural, sob o influxo dos quais elabora suas obras, que não obstante isto, em razão do gênio de cada um, podem ser criações originais, com a marca da personalidade de cada um.

É perceptível que M. Paulo Nunes reconhece a importância das leituras realizadas ainda na adolescência, enquanto membro da Arcádia, e a influência que elas exerceram na sua escrita enquanto membro diretor do periódico *Caderno de Letras Meridiano*, possibilitando-lhe adquirir um amplo parâmetro para a realização de seu trabalho como crítico literário. Os textos publicados por ele nessa revista versam sobre literatura universal e as novas vertentes literárias que despontaram com o movimento modernista, evidenciando, dessa maneira, que o escritor estava consciente do que estava sendo debatido nos grandes centros.

Nos registros críticos *O retorno à infância* e *Fora da vida*, publicados respectivamente nos fascículos nº 1 e nº 2, o conhecimento adquirido com as leituras dos clássicos se

faz perceber na discussão exposta ao longo dos textos. No primeiro, M. Paulo Nunes faz uma introdução a respeito do assunto tratado no livro a ser analisado:

Há, hoje em dia, na literatura um tema que vem despertando um interesse crescente e renovado. É o retorno à infância. Em face de um mundo que dia a dia brutaliza e anula o sentido da dignidade humana, natural era que êst- (sic) drama pungente de nossa época se refletisse no subconsciente do artista pela aguda penetração e sondagem na consciência individual e pelo retôrno às (sic) fontes mais puras e incontaminadas da existência humana (Nunes, 1949, p. 2).

Em seguida, aponta alguns aspectos abordados pela obra de Hermano Requião, ao tempo em que se serve de todo o seu conhecimento para realizar a crítica literária do livro, afirmando que ele não possui “o sêlo daquela eternidade que acompanha as grandes criações literárias que nos vêm devolver a infância perdida [...]” (Nunes, 1949, p. 2). Os parâmetros utilizados pelo crítico para realizar tal tarefa foram as obras de Marcel Proust e Alain Fournier, ambos citados no texto. No segundo, a discussão gira em torno da dialética entre o universal e o regional, de maneira que o regionalismo pitoresco é retomado como forma de demonstrar os novos rumos adotados pela literatura.

No texto *Panorama*, ensaio publicado no número 1 da revista *Caderno de Letras Meridiano*, o crítico apresenta as novidades surgidas com o movimento modernista, dando ênfase ao romance de 30 e às características dessa nova maneira de fazer literatura, atenta aos problemas sociais, preocupada com as soluções e com novos problemas estéticos. O escritor ressalta ainda as diferenças entre as regiões

brasileiras e as publicações que surgiram após essa mudança, bem como apresenta os novos grupos que se formaram com a nova tendência. Para o autor,

A presença de um novo espírito na literatura, ocasionando profundas modificações em uma temática e em uma técnica literárias já ultrapassadas, garantindo a permanência de elementos que possam produzir a renovação dos processos literários em voga, que poderá ser expressa como sendo a aspiração á (sic) ‘conquista do direito permanente da pesquisa estética’ que é a base sobre qual deve operar todo movimento de renovação literária (Nunes, 1949, p. 9).

Além das obras literárias, M. Paulo Nunes se preocupou em estudar as obras de pensadores brasileiros, como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque, Darcy Ribeiro, Paulo Bonfim e Anísio Teixeira, o que lhe possibilitou obter um conhecimento amplo e sólido a respeito da formação da sociedade brasileira, do papel da educação, da antropologia etc.

Diante do exposto, é possível perceber que a literatura foi a temática central durante toda a juventude de M. Paulo Nunes, condicionando toda a sua forma de agir e de pensar enquanto indivíduo e membro de grupo. Os debates ocorridos em outras instâncias sempre se relacionavam a esse tema e só eram vistos sob esse enfoque, revelando a preocupação do escritor com a cultura no estado. Além disso, para o crítico, as obras literárias só eram válidas se revelassem o drama de uma época (Nunes, 1979).

3.3 Orlando Geraldo Rego de Carvalho

Orlando Geraldo Rego de Carvalho²⁸, ou simplesmente O. G. Rego de Carvalho,²⁹ ficou conhecido no segmento intelectual piauiense por ser um sujeito polêmico, introspectivo, mas que dominava uma escrita inovadora e criativa se comparada à temática praticada por seus pares na época. Suas obras, durante muito tempo, foram alvo de críticas por parte da intelectualidade piauiense, que o acusava de não escrever romances de caráter sociológico ou que versassem sobre as matrizes geográficas, a exemplo de alguns de seus contemporâneos. Sua prosa se revestia de aspectos psicológicos, tendo como temas principais a morte, o amor, a solidão etc.

A decisão de se tornar escritor foi tomada aos 12 anos de idade, com a leitura do romance *O Guarani*, de José de Alencar, estando O. G. Rego de Carvalho já em Teresina:

28 Nascido na cidade de Oeiras – PI, em 25 de janeiro de 1930, mudou-se para Teresina em 1942, onde concluiu seus estudos. Foi funcionário do Banco do Brasil, instituição na qual se aposentou. Membro da Academia Piauiense de Letras – APL, ocupou a cadeira de nº 6. Publicou os livros *Ulisses entre o amor e a morte* (1953), *Amor e morte* (1956), *Amarga Solidão* (1956), *Rio subterrâneo* (1967), *Somos todos inocentes* (1971), *Ficção reunida* (1981) e *Como e por que me fiz escritor* (1989). Faleceu em 9 de novembro de 2013, em Teresina.

29 Conforme Fontineles Filho (2017, p. 47), “Quando Orlando Geraldo Rego de Carvalho passa a usar a abreviação, um nome artístico-literário, ele está se inscrevendo em outra dimensão de existência. Tal situação interliga identidades, aquela que se vincula entre o sujeito e aquela ligada ao autor. Ademais, é possível pensar que o nome próprio, em sua proliferação como nome também artístico agrega elementos ‘através dos quais o dizer está no seu limite, o mais próximo do mostrar’. Ou seja, no processo mesmo de ‘surgimento’ do literato no âmbito da ‘literatura piauiense’, a prática do jogo com o nome próprio dá corpo aos discursos de (re)constituição do sujeito, em uma outra representação. Dessa maneira, o dizer, por meio da escrita, ou mesmo pela fala, do nome do escritor, como autor, assume a forte tendência de que o mostrar, em várias situações, substitui o significar. O sujeito Orlando não deixa de existir, a não ser com sua morte física. Ele é (re)significado no intuito de apresentar, de mostrar um outro viés de tal sujeito. O sujeito Orlando cede espaço para que o nome, a figura O. G., possa viver para além da finitude material do próprio Orlando.”

Com 12 anos de idade, eu queria ser escritor e comecei a escrever um conto por semana. Na verdade, não eram contos, eu desejava era escrever romances, como José de Alencar tinha feito. Mas, como é que pode um menino de 12 anos de idade escrever romance, sem vivência, sem experiência literária, sem leitura? A leitura é fundamental para o romancista, é fundamental para o poeta (Carvalho, 1989, p. 15).

Depois dessa decisão, dos 16 aos 19 anos, escreveu uma série de contos e os enviou aos jornais e revistas do sul do país, porém todos rejeitados, conforme relata no livro *Como e por que me fiz escritor* (1989):

Tive 17 contos recusados, que eu me lembro, mas, fazendo uma estatística melhor, eu acho que tive umas 30 recusas, porque eu escrevia muito dos 16 aos 19 anos, quando tive meu primeiro conto aceito. As recusas eram assim: eles publicavam a resposta ao leitor no Concurso Permanente de Conto. Resposta: ‘O. G. Rego de Carvalho, Teresina / Piauí, você revela aptidão para o conto, mas seu trabalho não agradou. Procure desenvolver melhor a estória’ (Carvalho, 1989, p. 15, grifo do autor).

As recusas não desanimaram o romancista, que procurou aperfeiçoar ainda mais seus enredos. A princípio, não logrou reconhecimento no seu estado natal, porém alcançou bastante prestígio em outros estados, como Rio de Janeiro e Paraíba, com o envio de seus textos:

A publicação fora do Piauí era indispensável para a almejada inserção da produção do estado nas artes nacionais. A publicação do conto³⁰ de O. G. já representava

30 O conto *Um filho* foi publicado no suplemento literário *A Cigarra*, do Rio de Janeiro (Kruel, 2007, p. 43).

um importante passo. Além de descobrir um suplemento literário de alto nível e de conseguir a segunda publicação extramuros, o escritor indicou o conhecido parceiro Hindemburgo Dobal Teixeira para eventuais publicações e reconheceu publicamente a contribuição do poeta e de Manoel Paulo Nunes, através da leitura de *O almoço em família*, antes do envio para o periódico. Essa colaboração foi relevante para que o contista se sentisse mais seguro (Farias, 2015, p. 259).

Dos três diretores da revista *Caderno de Letras Meridiano*, O. G. Rego de Carvalho era o mais novo e, provavelmente por esse motivo, sua participação nos grupos Arcádia e Clube dos Novos foi restrita. Sua inserção no segmento intelectual piauiense ocorreu, de fato, através da atuação como presidente do Centro Estudantil Piauiense³¹. A partir de então, O. G. Rego de Carvalho passou a ter visibilidade nos jornais e revistas locais. Sua estreia ocorreu no jornal *O Piauí* com o texto intitulado *Lembrança da Arcádia*:

Quando, às vezes, observo o lançamento de mais uma revista dos novos, me vem intempestivamente a lembrança da Arcádia. Há alguns anos a turma se reunia na Praça Pedro II, para falar de literatura. Éramos diletantes, confesso, mas nos animava a esperança de escrever e ser lidos. Afastando, um pouco, porém tomando parte nas palestras e devaneios, estava o partido dos que não aderiram à Arcádia, constituído do poeta Hindemburgo Dobal, José Camilo Filho e Eustácio

31 O Centro Estudantil Piauiense foi fundado no dia 13 de janeiro de 1935. Entre seus idealizadores estavam Moaci Madeira Campos, Aluísio Ribeiro da Silva e Benjamin do Rêgo Monteiro Neto. Assim como as demais entidades da época, sua vida foi efêmera. Dentre as atividades realizadas pelo Centro, estava a realização de encenações teatrais, através da criação do Teatro Experimental Centrista, a publicação da circular *Folha Estudantil* e a emissão da identidade estudantil fornecida pela instituição (Kruel, 2007).

Portella. Dentre nós, os que mais se destacavam eram o romancista Vitor Gonçalves Neto, Manuel Paulo Nunes e Afonso Carvalho.

Enquanto a Arcádia cogitava de lançar uma revista, a outra turma cuidava de tirar um jornal [...] Mas nem uma nem outra atingiu suas pretensões, pois o grupo se dispersou. [...] Assim morreu a Arcádia. Dos que ficaram, alguns são funcionários públicos, professores e até livreiros, outros estão tentando ainda. Todavia nenhum tinha uma legítima vocação de escritor e nada produziu até agora (Carvalho, 1949, p. 3).

O tom provocante era uma característica dos textos de O. G. Rego de Carvalho, que sempre criticava as iniciativas das agremiações literárias do estado, manifestando sua insatisfação com a ausência de critérios para a seleção dos membros, bem como com a falta de talento de seus contemporâneos. Além da Arcádia, ele desaprovou a atuação do Clube dos Novos e da ABDE-PI, por meio do texto *Prosaicos e Cabotinos*, publicado em 12 de julho de 1949, no jornal *O Piauí*, em que criticou as iniciativas dos jovens de elevar as letras piauienses:

Enquanto os jovens escritores provincianos se agrupam “para fazer uma barbaridade”, em nossa terra temos uma turma bem crescida de prosaicos e cabotinos, que se julgam modelos de virtude literária por haverem escritos, quando adolescentes, notas sobre a paz, o petróleo ou a missão dos novos. Inicialmente esses empedernidos criaram o Clube dos Novos, com propósitos elevados de dar letras ao Piauí. Chegaram a editar um boletim, em que estudaram a reforma agrária, fizeram contestações a Marx, ou condenaram o regime franquista. Mas o Clube dos Novos morreu sem outras realizações, só com as poucas letras do nome. Depois, homens de ação, se organizaram em caráter sério, fundando

“Debates S. A.”, entidade que deveria lançar um diário na capital, para abrir novos horizontes. Fizeram os estatutos e elegeram-se diretores, todavia, “Debates” agonizou sem relutância e faleceu na santa paz do Senhor, tão anônimo como nasceu. Recentemente, já escritores, decidiram-se instalar a ABDE na província. Encontraram sessenta e tantas criaturas, algumas modestas, outras legítimos valores. Nesse rol entraram mais amigos e parentes que escritores. Por isso, a ABDE se destina a ser mais um fracasso dessa gente prosaica e cabotina que se julga dona de nossas letras. – O. G (Carvalho, 1949, p.3).

Em virtude dessas e de outras publicações, O. G. Rego protagonizou diversos momentos de tensão no meio intelectual piauiense. Todavia, esse aspecto não constitui o foco central do trabalho e, por essa razão, não é tratado de maneira mais detalhada neste livro³².

Apesar das querelas em torno do segmento literário local, o vínculo estabelecido entre os jovens H. Dobal, M. Paulo Nunes e O. G. Rego de Carvalho rendeu bons frutos, resultando na publicação da revista literária *Caderno de Letras Meridiano*. A participação de O. G. Rego de Carvalho no periódico não se restringiu somente à função de diretor, ele contribuiu também com a publicação dos contos *Adolescência* e *Pequeno Almoço*, tradução de John Steinbeck, ambos presentes no fascículo nº 1, de outubro de 1949.

O conto *Adolescência* aborda os conflitos existenciais de um adolescente e sua relação com o padrasto. Temas como

32 Para maiores informações a respeito das polêmicas protagonizadas por O. G. Rego de Carvalho no meio cultural piauiense, ver a dissertação de José Maria Vieira de Andrade, *Entre narrativas e fragmentos: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rego de Carvalho*, defendida na Universidade Federal do Piauí, em 2009.

a morte, a angústia, a incerteza, o amor, o ódio, a doença, o funeral permeiam toda a narrativa e apontam para uma preocupação dominante do escritor em escrever sobre temas universais, deixando de lado o viés regionalista característico de alguns companheiros seus. Nesse sentido, a tendência universal pode ser percebida como reflexo de boa parte das leituras realizadas na época da Arcádia, quando participou de algumas reuniões cujas discussões lhe possibilitaram acumular um vasto conhecimento.

Além da influência que os companheiros de Arcádia exerceram no que se refere ao seu gosto literário, a preferência de O. G. Rego de Carvalho, sua preferência pelos clássicos também adveio de sua família, “com as lições de música ouvidas de sua mãe, e a leitura dos clássicos estimulada por seu pai [...]” (Fruei, 2007, 48). Desse modo, entrou em contato com William Sorayan, Aldous Huxley, Homero, Dostoiévski, Faulkner, Flaubert, Joyce, John Steinbeck e Marcel Proust. Dos escritores brasileiros, leu Rui Barbosa, Humberto de Campos, Coelho Neto e outros.

Após a extinção do periódico *Caderno de Letras Meridiano*, O. G. Rego de Carvalho passou a se dedicar à publicação de suas obras.



4

CONSIDERAÇÕES SOBRE O MODERNISMO NO BRASIL

Neste capítulo, o foco é o Modernismo, abordando-se os principais aspectos e características desse movimento literário. Essa contextualização teórica é necessária, visto que a revista *Caderno de Letras Meridiano* atuou como veículo de propagação das ideias vigentes no panorama cultural do período no estado do Piauí.

O Modernismo surgiu como uma resposta da arte ao novo cenário de transformações sociais, econômicas e políticas advindas da modernidade que se estabeleceu, sobretudo, na Europa nos séculos XIX e XX. Fenômeno de abrangência extensiva, o movimento modernista atingiu, além da literatura, outros segmentos artísticos e culturais, como a pintura, a escultura, a música, a dança, a arquitetura, o *design*, o teatro e o cinema, o que torna sua conceituação complexa, como

aponta Gay (2009), ao afirmar que é mais fácil exemplificá-lo que defini-lo. A concepção de Modernismo, de acordo com o autor, é a de

[...] um acorde, [...] foi mais do que um agregado fortuito de protestos de vanguarda; foi mais do que a soma de suas partes. Ele gerou uma nova maneira de ver a sociedade e o papel do artista dentro dela, criou uma nova forma de avaliar as obras culturais e seus autores. Em suma, o que chamo de estilo modernista foi um clima de idéias, sentimentos e opiniões. (Gay, 2009, p. 19)

A busca pela liberdade estética e a ruptura com os paradigmas e valores tradicionais com vistas à renovação da arte constituíam o principal objetivo do movimento, essa postura concorreu para que não fosse visto com bons olhos, tornando difícil sua aceitação por parte da sociedade. Os modernistas agiam contra as convenções, “sentiam prazer em tomar um caminho novo, desconhecido, revolucionário [...], mas também tinham gosto pelo puro gesto de insubordinação bem-sucedida contra a autoridade vigente” (Gay, 2009, p. 20).”

No Brasil, a exemplo do que ocorria na Europa, as transformações oriundas da modernidade suscitaram também inúmeras mudanças no âmbito da produção cultural. Os jovens, inspirados pelas vanguardas europeias³³, uniram todos os esforços para pôr em prática o projeto literário

33 O Modernismo brasileiro foi tomar das vanguardas europeias sua concepção de arte e as bases da sua linguagem: a deformação do natural como fator construtivo, o popular e o grotesco como contrapeso ao falso refinamento acadêmico, a cotidianidade como recusa à idealização do real, o fluxo da consciência como processo desmascarador da linguagem tradicional (Lafetá, 2000, p. 22).

modernista. Brito (1997, p. 28), ao tratar a necessidade de atualização das letras nacionais, justifica a importação das propostas e práticas inovadoras:

O desejo de atualizar as letras nacionais – apesar de para tanto ser preciso importar idéias nascidas em centros culturais mais avançados – não implicava uma renegação do sentimento brasileiro. Afinal, o que se aspirava era tão somente a aplicação de novos processos artísticos às inspirações autóctones, e, concomitantemente, a colocação do país, então sob notável influxo de progresso, nas coordenadas estéticas já abertas pela nova era.

Tradicionalmente, o Modernismo brasileiro é dividido em três fases, a saber: fase heroica, ou geração de 22; fase de consolidação, ou geração de 30; e fase pósmodernista, ou geração de 45. O primeiro momento tem início em 1922 com a Semana de Arte Moderna, evento que reuniu os principais expoentes do movimento e que tinha como principal finalidade promover a renovação da arte brasileira por meio da experimentação e ruptura com o tradicional. Apesar de bastante polêmica, seu valor cultural foi muito significativo.

[...] mais do que um ponto de partida, a Semana de Arte Moderna foi o coroamento de todo um processo intelectual. o modernismo tomou, com ela, consciência de si mesmo, a vanguarda representando nesse momento, como sempre acontece, o grupo que primeiro compreendeu, embora obscura e contraditoriamente, a verdadeira natureza dos anseios e manifestações esparsas que se vinham repetindo, cada vez com maior insistência, desde os primeiros anos do século. Quando se realiza a Semana de Arte Moderna, [...], o Modernismo já está maduro, senão no grande público,

pelo menos entre os intelectuais que compunham, naquele momento, a parte mais viva e criadora da inteligência brasileira. A semana introduzia “oficialmente” um novo estado de espírito e foi, com toda certeza, a mais profunda de todas as nossas revoluções literárias. (Martins, 2002, p. 21, grifo do autor)

É na fase heroica que o debate estético entra em cena com bastante vigor, promovendo uma alteração profunda em toda a literatura feita até aquele momento. Pode-se afirmar, à luz das fontes bibliográficas, que esse período repercutiu de forma negativa na sociedade da época, tendo em vista seu caráter anárquico e destruidor, que lutava contra os modelos estabelecidos pelo Parnasianismo e pelo Simbolismo. No entanto, o rompimento com o tradicionalismo promovido pela geração de 22 só foi viável devido à nova configuração que emergia no Brasil com a industrialização, o surto imigratório e a acelerada urbanização, isto é, esse contexto de efervescência política e econômica pelo qual o país passava contribuiu para uma mudança na vida cultural do Brasil. É nesse sentido que temos, de forma mais incisiva, a experimentação estética em que predomina uma linguagem livre, fruto da ruptura com a linguagem artificial e idealizante dos movimentos anteriores, conforme aponta Lafetá (2000, p. 21):

A experimentação estética é revolucionária e caracteriza fortemente os primeiros anos do movimento: propondo uma radical mudança na concepção da obra de arte, vista não mais como mimese (no sentido em que o Naturalismo marcou de forma exacerbada esse termo) ou representação direta da natureza, mas como um objeto de qualidade diversa e de relativa autonomia, subverteu assim os princípios da expressão literária. Por outro lado, inserindo-se dentro de

um processo de conhecimento e interpretação da realidade nacional – característica da nossa literatura – não ficou apenas no desmascaramento da estética passadista, mas procurou abalar toda uma visão do país que subjazia à produção cultural anterior à sua atividade.

Ainda de acordo com o autor,

esse dado [a nova configuração do Brasil] é decisivo já que a literatura moderna está em relação com a sociedade industrial tanto na temática quanto nos procedimentos (a simultaneidade, a rapidez, as técnicas de montagem, a economia e a racionalização da síntese) (Lafetá, 2000, p. 23).

Dois foram os autores de maior relevo nesse período: Oswald de Andrade, com as obras em prosa *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte Grande* e poemas, como *Pronominais*³⁴, em que faz uma crítica ao academicismo parnasiano, clássico, por meio da quebra da formalidade, inventando uma nova literatura a partir da experimentação, e Mário de Andrade, mentor intelectual da Semana de Arte Moderna, cujas obras apresentam características como o verso livre, o nacionalismo exaltado em busca de uma identidade brasileira, sobretudo em São Paulo, o impulso inconsciente etc. Na prosa, sua obra mais conhecida, *Macunaíma*,

34 Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro. (Andrade, 1972 apud Cunha; Cintra, 1985, P. 41)

aborda temas como o anti-herói e a síntese étnica do povo brasileiro; na poesia, a obra *Paulicéia Desvairada*, marco instaurador dos fundamentos do Modernismo, trata de uma São Paulo provinciana. Além desses autores, outros se destacaram no período, como Manuel Bandeira, Raul Bopp, Cassiano Ricardo, Plínio Salgado, dentre outros.

Passada a fase de maior experimentação estética, com a quebra dos paradigmas e cânones tradicionais e, consequentemente, a afirmação desse novo movimento, o país começa a vivenciar outro período em que o projeto estético é posto de lado e a luta ideológica predomina. Conhecido como fase de consolidação, esse momento tem início no ano de 1930 e vai até 1945, quando o Brasil começa a ter consciência do seu estado de subdesenvolvimento (Candido, 2000b).

A politização dos anos trinta descobre ângulos diferentes: preocupa-se mais diretamente com os problemas sociais e produz os ensaios históricos e sociológicos, o romance de denúncia, a poesia militante e de combate. Não se trata mais, nesse instante, de “ajustar” o quadro cultural do país a uma realidade mais moderna; trata-se de reformar ou revolucionar essa realidade, de modificá-la profundamente, para além (ou para aquém...) da proposição burguesa: os escritores e intelectuais esquerdistas mostram a figura do proletário [...] e do camponês [...] instando contra as estruturas que os mantêm em estado de sub-humanidade. (Lafetá, 2000, p. 30).

Nos anos 1930, ecoaram os anseios das classes sociais menos favorecidas, sendo que a maior contribuição desse período foi o papel ativo assumido pela literatura e pelo escritor enquanto agentes questionadores e modificadores da realidade social brasileira, com obras cuja tônica eram as mazelas

sociais (Lafetá, 2000). Outro aspecto relevante dessa fase foi a conciliação entre as conquistas alcançadas na fase heroica e a preocupação com as realidades regionais. “O processo de atualização caminhou cedo dos núcleos urbanos principais, São Paulo e Rio, para a província. Aí ganhou aspectos novos que iriam compor um quadro mais matizado que é o conjunto da literatura moderna brasileira (Bosi, 2010, p. 344). É nesse sentido que a tendência regionalista³⁵ reaparece nos anos 1930 e 1940 como vertente que provocou nos intelectuais locais uma atitude de engajamento em prol de uma disseminação artística que não havia anteriormente, visto que a expressão artística de outrora tinha um caráter mais urbano. Assim, além de proporcionar a integração entre culturas, esse regionalismo oportunizou aos intelectuais locais uma preocupação com as artes. Os autores lançaram um olhar para os locais em que estavam inseridos para abordar as questões sociais, aprofundando, dessa maneira, o debate em torno dos problemas do país. Ao buscarem as raízes brasileiras, esses escritores denunciaram as mazelas de suas regiões, criticando e, em alguns casos, sugerindo soluções para esses problemas.

Passada a fase de documentarismo social dos anos 1930, o Brasil começou a vivenciar uma atmosfera pacífica no contexto sócio-político em relação aos anos anteriores. Com

35 Candido (2000a), em seu livro *Formação da literatura brasileira*, afirma que o regionalismo se manifesta em três momentos da história literária brasileira. O primeiro ocorreu no século XIX, com o Romantismo, período em que a busca pela identidade nacional e a valorização do que era autenticamente brasileiro estavam no auge. A segunda fase ocorreu na transição do século XIX para o XX, com a valorização do pitoresco e a reificação do homem. O terceiro momento afluíu no Modernismo, mais especificamente, na geração de 30, em que se produziu uma literatura mais engajada/ politizada na qual prevaleceu a denúncia das misérias sociais.

o fim da II Guerra Mundial e o início da redemocratização do país a partir da queda da ditadura Vargas, em 1945, os escritores brasileiros se voltam para a pesquisa cujo objeto era a linguagem. Assim, a literatura assume uma consciência estética mais apurada, sendo percebida tanto na prosa quanto na poesia uma maior preocupação com a forma literária, embora, como aponta Bosi (2010, p. 386, grifos nossos), essa transição tenha ocorrido de forma oscilante:

Entre 1930 e 1945/50, *grosso modo*, o panorama literário apresentava, em primeiro plano, a *ficção regionalista*, o *ensaísmo social* e o *aprofundamento da lírica moderna* no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza (Drummond, Murilo, Jorge de Lima, Vinícius, Schmidt, Henriqueta Lisboa, Cecília Meireles, Emílio Moura...). Afirmando-se lenta, mas seguramente, vinha o romance introspectivo, raro em nossas letras desde Machado e Raul Pompéia (Otávio de Faria, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena, José Geraldo Vieira, Cyro dos Anjos...): [...] Para a poesia, a fase 30/50 foi universalizante, metafísica, hermética, ecoando as principais vozes da “poesia pura” européia de entreguerras: [...].

As características predominantes na poesia remetem aos traços praticados no Parnasianismo e Simbolismo. Ao contrário do que pregavam os modernistas dos anos 1922, os poetas da Geração de 45 recusam a liberdade formal, as ironias e sátiras da primeira fase, e promovem um retorno às rimas e aos versos tradicionais (Proença Filho, 2008), indicativos de uma literatura mais equilibrada e séria, com acentuada importância à palavra e ao ritmo. O nome mais representativo do gênero foi o escritor João Cabral de Melo Neto, cujo empenho em procurar a palavra exata o tornou

conhecido como “engenheiro da palavra” ou “poeta-engenheiro”. Em sua obra se destacam a metalinguagem e a denúncia social.

Na prosa, em especial nos contos e nos romances, as características são variadas, com a preocupação existencial, na obra de Clarice Lispector, e o regionalismo universalizante de Guimarães Rosa. O eixo temático das obras de Lispector é a densidade psicológica das personagens e o aprofundamento introspectivo. Uma inovação clariceana é o enredo fragmentado, em que há a ruptura com a até então consagrada sequência ‘começo, meio e fim’, prevalecendo nas narrativas o tempo psicológico e o fluxo de pensamento. O objetivo da escritora é fazer uma sondagem psicológica das personagens, o que muitas vezes vai resultar em um momento de epifania. Suas obras retratam “[...] a gama de sentimentos que a vida moderna suscita no âmago da pessoa” (Bosi, 2010, p. 388). Já em Guimarães Rosa há um predomínio do regionalismo universal, estética que prevaleceu nos anos 1930, agora renovada com a incorporação do linguajar sertanejo, o emprego de neologismos, deslocamentos de sintaxe e o uso de figuras de linguagem (Bosi, 2010).

Levando-se em consideração os aspectos abordados, no capítulo seguinte, apresentamos a análise do periódico *Caderno de Letras Meridiano*, iniciando-se com uma sistematização dos conteúdos dos fascículos a fim de se ter uma visão geral do que foi publicado para, logo em seguida, discutirmos a dialética do regional e do universal e a relação entre a vanguarda e a tradição.



5

ANSEIOS MODERNISTAS NA REVISTA *CADERNO DE LETRAS MERIDIANO*

Neste capítulo apresentamos as contribuições da publicação *Caderno de Letras Meridiano* para o sistema literário piauiense, destacando-se sua relevância em uma época de estagnação artística predominante no estado. Editada em Teresina no período compreendido entre 1949 e 1950, essa revista constituiu-se como meio de disseminação, no Piauí, dos ideais modernistas vigentes no cenário cultural nacional a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna. Assim, ressaltamos que, embora o movimento modernista tenha se lançado no início da década de 1920, permanecendo restrito a alguns estados do sudeste do país e chegando tardiamente às demais regiões, a revista *Caderno de Letras Meridiano* pode ser considerada um órgão vanguardista que se empenhou em disseminar e afirmar o Modernismo no Piauí.

A seguir, destaca-se o sumário de cada fascículo da revista, com uma visão geral dos conteúdos abordados, dos gêneros textuais predominantes e dos autores que nela publicaram.

5.1 Apresentando a revista *Caderno de Letras Meridiano*

Como mencionado nos capítulos 2 e 3, foi a partir da década de 1940 que iniciativas de cunho literário começaram a surgir no país em busca de renovar as literaturas nacional e regional, bem como de lançar novos escritores no cenário cultural da época. Esses “[...] periódicos literários se tornaram ainda o espaço, por excelência, da reflexão sobre as novidades. [...] Sua importância ultrapassa o caráter efêmero das vanguardas e chega incólume aos leitores de hoje” (Marques, 2013, p. 11). Nesse sentido, o estudo dessas fontes primárias e, de modo especial, da revista *Caderno de Letras Meridiano*, é bastante relevante, porque permite aos leitores da atualidade um contato maior com o período modernista, possibilitando sanar dúvidas e reelaborar juízos equivocados ou incompletos devido a informações que, ao longo do tempo, se estabeleceram como verdades incontestáveis (Marques, 2013).

Em nível nacional, como exemplos dessa categoria de periódicos, temos as revistas *Quixote*, no Rio Grande do Sul; *Joaquim*, em Santa Catarina; *José*, no Ceará; *Bando*, no Rio Grande do Norte, e *Cadernos da Bahia*, na Bahia. No Piauí, como reflexo do panorama vigente, foi lançada a revista *Caderno de Letras Meridiano*, cujo corpo editorial era composto pelos jovens Hindemburgo Dobal Teixeira, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho. A respeito dessas iniciativas, Farias (2015, p. 134) esclarece que

Algumas novidades suscitavam dúvidas e rejeições, mas a maioria das invenções e descobertas eram bem-vindas, principalmente as que estavam relacionadas aos meios de comunicação. Em suma, a sociedade teresinense não queria ficar para trás, e também ansiava pela renovação e modernização nos diversos campos. Todavia, no campo da cultura durante a década de 40, os jovens escritores, [...], fizeram parte desse cenário amplo e variado e se dispuseram a contribuir com a produção cultural do estado. Tinham objetivos mais amplos, pois queriam, através de suas atuações, dar visibilidade à cidade para tentar projetá-la no ambiente científico, literário e artístico da nação.

Em artigo de jornal publicado em 1949, percebe-se a celebração dessa nova empreitada dos ‘novos’ do Piauí:

Finalmente, o Piauí pela prôa. É que ele vem – e já vem tarde – através das páginas de MERIDIANO, que os “novos” de Teresina quiseram por na rua e puzeram. Aqui está: são dezesseis páginas apenas, mas quanta bravura e quanta fidelidade! A direção é de Hindemburgo Dobal, O. G. Rego de Carvalho e Manuel Paulo Nunes, a que se acrescentam, na feitura da revista, uns pouco mais: Da Costa Andrade, Clemente Fortes, José Virgílio Rocha. As outras colaborações sem esquecer T. S. Eliot e John Steinbeck (muito bom gosto revelam) são de fora, mas são um mínimo, dentro do MERIDIANO [...]. (Vida..., 1949, p. 4).

A respeito da proposta de publicação da revista, Manoel Paulo Nunes (1992) afirma que foi fruto das novas configurações assumidas pelo país e pelo estado na época e que, análogo às revistas que surgiram em outras regiões, seu objetivo era dar eco às ideias novas advindas do Modernismo, propondo a renovação nas letras piauienses. Sua intenção inicial foi lançar novos escritores no meio

artístico-literário brasileiro e garantir um lugar significativo no universo das letras (Farias, 2015), além de viabilizar o acesso da sociedade piauiense ao novo universo multifacetado das letras que marcava o país na época. A revista serviu ainda como um instrumento de sistematização do novo projeto literário que havia se esboçado no Brasil a partir da década de 1920.

A revista era editada na residência de O. G. Rego de Carvalho, na Rua Lisandro Nogueira, 1223, e foram publicados apenas três fascículos. Conforme Kruehl (2007), os recursos financeiros para o primeiro número foram arrecadados integralmente por O. G. Rego; o segundo, por H. Dobal juntamente com o proprietário das Perfumarias Carneiro, senhor Hugo Carneiro, sendo o terceiro fascículo impresso na Imprensa Oficial do Estado.

Para facilitar a compreensão dos conteúdos e autores, os quadros a seguir sintetizam as informações de cada fascículo:

QUADRO 2 – SÍNTESE DO FASCÍCULO Nº1 DA REVISTA
CADERNO DE LETRAS MERIDIANO (CONT.)

AUTOR	TÍTULO	TEMA	GÊNERO
M. Paulo Nunes	O retorno à infância	Infância; memória	Ensaio
H. Dobal	A diretriz poética dos novos	Formas clássicas da poesia e a nova maneira de fazer poesia	Ensaio
Edson Régis	Poema a todos os homens	O “eu” no mundo; Desilusão do homem moderno	Poema
O. G. Rego de Carvalho	Adolescência	Angústia; morte; amor X ódio; incertezas	Conto

Da Costa Andrade ³⁶	Fria	Ato sexual	Poema
Martins Napoleão ³⁷	Angústia da vida moderna	Modernidade e suas implicações na vida do homem	Artigo de opinião
H. Dobal	Menino Ulisses	Amor/ mistério	Poema
M. Paulo Nunes	Panorama	Romance de tese social e os grupos surgidos na 2ª geração do Modernismo	Ensaio
Abaeté de Medeiros	Depoimento e confissões	Vida e obra de Edson Régis	Artigo de opinião
Clemente Fortes ³⁸	Nossa formação	Dialética regional X universal	Ensaio
T. S. Eliot (tradução de H. Dobal)	O correio vespertino de Boston	Homem comum	Poema
John Steinbeck (tradução de O. G. Rego de Carvalho)	Pequeno almoço	Almoço entre pessoas comuns	Conto
	Notícias da ABDE	ABDE nos demais estados; informes sobre o II Congresso de Escritores	Notícia

Fonte: Revista *Caderno de Letras Meridiano* (1949).

-
- 36 José Severino da Costa Andrade nasceu em 12/12/1906 em Simplício Mendes – PI. Político, professor e escritor, dirigiu o Instituto de Educação Antonino Freire e a Imprensa Oficial do Estado. Foi sócio fundador da Academia dos Rebeldes, em Salvador, e também pertenceu ao Cenáculo Piauiense de Letras. (Adrião Neto, 1995, p. 24).
- 37 Benedito Martins Napoleão do Rego nasceu em 17/03/1903 na cidade de União – PI. Era professor, poeta, jornalista e tradutor, tendo se formado em Direito. Presidiu a Academia Piauiense de Letras. (Adrião Neto, 1995, p. 213).
- 38 Clemente Honório Parente Fortes nasceu em Teresina no dia 30/08/1914. Advogado, professor universitário e crítico literário, foi membro do Conselho Estadual de Cultura, professor e diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Exerceu a crítica literária em jornais e revistas do Piauí (Adrião Neto, 1995, p. 115).

QUADRO 3 – SÍNTESE DO FASCÍCULO Nº 2 DA REVISTA
CADERNO DE LETRAS MERIDIANO (CONT.)

AUTOR	TÍTULO	TEMA	GÊNERO
M. Paulo Nunes	Fora da vida	Dialética regional X universal	Ensaio
H. Dobal	D. Quixote versus Robinson Crusoe	Homem moderno; Pequenez do homem comum	Ensaio
Fred Pinheiro ³⁹	Na pétala, o azul	Poesia e o poeta	Poema
E. E. Cummings (tradução de H. Dobal)	Nalgum lugar em que nunca viajei, alegremente além	Negação do eu lírico	Poema
Clemente Fortes	Rui, um exemplo	Biografia de Rui Barbosa	Artigo de opinião
H. Dobal	Canção de natal para a moça morena	Decorrer do tempo/ desilusão	Poema
Francisco Pereira da Silva ⁴⁰	Conto de natal	Diálogo entre um casal	Conto
Abraão Atém	Revolução dos conceitos na ciência	Inovações científicas	Artigo de opinião
Moura Rêgo ⁴¹	Sacerdócio	Arte como profissão; Exaltação da arte	Poema
H. Dobal	A face	Geração da APL	Entrevista

Fonte: Revista *Caderno de Letras Meridiano* (1949).

-
- 39 Fred Pinheiro nasceu em Teresina-PI, no dia 25/08/1925. Escritor e jornalista, fez parte do Grupo Literário Alfa-Ômega. Foi um dos fundadores da revista literária Orfeu (Adrião Neto, 1995, p. 203).
- 40 Francisco Pereira da Silva nasceu em Campo Maior-PI, em 1918. Dramaturgo ligado à temática popular e ao universo nordestino, tem parte de sua obra encenada no Rio de Janeiro. (Francisco..., 2017).
- 41 Raimundo de Moura Rêgo nasceu no dia 23/06/1911 em Matões – MA. Professor, músico, poeta, romancista e jornalista, pertenceu ao Cenáculo Piauiense de Letras, à Arcádia dos Novos, à Caterva e à Academia Piauiense de Letras. (Adrião Neto, 1995, p. 215).

QUADRO 4 – SÍNTESE DO FASCÍCULO Nº 3 DA REVISTA
CADERNO DE LETRAS MERIDIANO (CONT.)

AUTOR	TÍTULO	TEMA	GÊNERO
Clemente Fortes	Da Costa e Silva	Estudo crítico sobre o poeta Da Costa e Silva	
Da Costa e Silva	Sangue	Temas variados	Poemas
	Rio das Garças		
	Supremo Enigma		
	Canção da Noite		
	Saudade		
	Ignota Dea		
	Vale de Lágrimas		
	Maio		
	Soror Doloris		
	Judeu Errante		
	Camândula de Estrelas		
	Consolatrix		
	Afflictorum		
	Canção do Bêbedo		
	Olhos Magoados		
	O Besouro		
	A Moenda		
	Natureza Sofredora		
	A Balsa		
	Pau-D'arco		
	O Inverno		
	O Redemoinho		

	Ego	Temas variados	Poemas
	O Eterno Ciclo		
	Sob Outros Céus		
	O Parnaíba		
	O Aboio		
	Amarante		
	Mater		
	Amor		
	O Homem que Volta		
	Não desejes, nem sonhes		
	O Eterno Mistério		
	Mater Admirabilis		
	O Carrossel Fantasma		

Fonte: Revista *Caderno de Letras Meridiano* (1950).

A partir da compilação acima, observamos que o universo de colaboradores da revista era vasto, implicando, consequentemente, na diversidade de conteúdos abordados em cada fascículo, assim como nos estilos e gêneros textuais das produções. Destaque-se que colaborações só eram aceitas mediante solicitação pelos diretores da revista (Santos, 1993).

Acerca dos gêneros textuais publicados no periódico, constatou-se o predomínio do poema, com o total de 42 composições, que variam entre a poesia tradicional, como, por exemplo, os sonetos “Fria”, “Sacerdócio”, “Supremo enigma”, “Rio das garças”, dentre outros, e as poesias com características modernas, a saber: “Poema a todos os homens” e “O carrossel fantasma”. Essa multiplicidade de

formas poéticas era positiva para a publicação, tendo em vista que possibilitava um maior alcance entre o público leitor. Além disso, demonstrava uma mudança de postura no cenário cultural da capital, sem que, para isso, fossem negados os padrões de outrora, conforme afirma H. Dobal em entrevista para Cineas Santos (1993, p. 7): “Nós não queríamos demolir nada, destruir ninguém, mas também não exaltávamos os medalhões, as figuras consagradas que havia aqui”.

No tocante aos temas tratados nesse gênero, observa-se essa heterogeneidade também presente nos textos com viés telúrico, bem como nos que retratam o homem moderno e os fatos corriqueiros do cotidiano. A vida moderna e o “eu” no mundo são expressos por meio de uma poesia intimista que traz o contexto destruidor advindo da modernidade e a pequenez do homem comum. Como exemplo, temos as traduções “O correio vespertino de Boston”, “Nalgum lugar em que nunca viajei, alegremente além” e o texto “Poema a todos os homens”:

Poema a todos os homens

Como seja o mundo
reúnam-se os homens
sintam o massacre diário
e apoiem as grandes colunas
das nossas próprias coisas.

Adormeçam as crianças
enquanto lírios nascem
– como seja o mundo –
com as madrugadas
e seu fresco orvalho.

Sonhem as mulheres
terras cultivadas,
amor, flores e vinho,
mas reúnam-se os homens
e apoiem as colunas.

Como seja o mundo
e as águas nos cerquem
não só em palavras
se trave a luta
por novas auroras.

Heróis famintos
entre crianças doentes
gemendo noite alta
– Como seja o mundo
amor escrevamos. (Régis, 1949, p. 4)

A angústia provocada pela nova era adveio da ausência de um ponto de apoio simbólico para o homem moderno, da relativização dos valores e das múltiplas escolhas, acarretando a falta de segurança. O estado emocional descrito no poema acima permeou todo o ambiente moderno e, por vezes, foi tema da literatura da época. Além da temática, a “visão dissertativa” (Merquior, 2011) em que o poema assume um ritmo de prosa, a ausência de limites entre o poético e o não poético e a falta de rigor formal são outras características modernistas encontradas nesse texto. Assim, percebemos a dessacralização do objeto poético, resultando, consequentemente, na proximidade entre poesia e fala.

Com o total de seis composições, o ensaio é o segundo gênero textual mais recorrente nas páginas do periódico em estudo. Os textos variam entre registros críticos de livros e produções sobre as mudanças sofridas no cenário literário

brasileiro da época. Diferentemente dos temas abordados nos poemas, observamos que os ensaios se ocupam, sobretudo, de temáticas modernistas, com reflexões a respeito da dialética regional X universal⁴², da geração de 30, das publicações periódicas surgidas no período e das novas tendências na poesia, a exemplo do texto “A diretriz poética dos novos”, em que Dobal (1949) faz um apanhado dos novos rumos assumidos pela poesia no Brasil a partir de 1945.

Com o propósito de informar, instruir e reafirmar o movimento que se delineou no período, o poeta repercutiu a consciência estética que despontou com os escritores da geração de 45. O rigor formal, na concepção de Dobal (1949), surge como atributo necessário para uma poesia séria e equilibrada. Ao contrário do caráter sociopolítico e filosófico da geração anterior, a poesia da terceira fase ficou conhecida como “a arte da palavra” por se preocupar com o emprego de cada termo:

A volta às formas clássicas de poesia que se observa, com certa insistência, em alguns poetas da geração mais jovem, representa, em alguns casos, **o retorno ao equilíbrio e à serenidade**. É o sentido da medida e do equilíbrio atuando em algumas vezes que, embora jovens, possuem uma autêntica vocação para a poesia e atingem cedo a noção de verdadeiros valores estéticos e líricos (Dobal, 1949, p. 3, grifo nosso).

Dobal (1949) celebra também o retorno da universalização da poesia, afirmando que os poetas da nova geração já eram conscientes dos verdadeiros valores estéticos e líricos. Qualidade que permitiria ao escritor se inscrever na humanidade,

42 A dialética do regional X universal será abordada no tópico 5.2.

a temática universalista deveria ser vista, conforme Dobal (1949), como algo que provocasse inquietação nos poetas da nova geração.

Em consequência, nunca teve nossa poesia um sentido tão altamente universal. Surge com um poder de síntese, força e sugestão admiráveis, revelando uma experiência emocional mais forte, um contato mais íntimo com as fontes da vida.

[...]

[...] as atenções dos novos se dirigem fortemente para poetas mais universais, como Rilke e Valéry. Orientados neste sentido do universal, conscientes dos verdadeiros valores poéticos e, em alguns casos, donos de uma técnica notável que permite expressá-los, espera-se deles o grande momento da poesia brasileira (Dobal, 1949, p. 3).

A linguagem simples e didática dos ensaios contribuiu para uma maior disseminação, entre os piauienses, das ideias vigentes no ambiente intelectual brasileiro entre os piauienses, reforçando de modo positivo a mudança que estava se processando em níveis nacional e local.

Seguindo o viés dissertativo, os artigos de opinião ocupam a terceira posição em matéria de ocorrência na revista, com o total de quatro textos: “Angústia da vida moderna”, “Depoimento e confissões”, “Rui, um exemplo” e “Revolução dos conceitos na ciência”. A predominância de temas que versam sobre as novas configurações advindas com a modernidade chama a atenção pelo fato de associar o tom jornalístico aos temas literários, refletindo as inquietudes da vida moderna e o desencantamento do homem como matéria-prima para a poesia, como pode ser observado no seguinte fragmento:

A paisagem riqueza da pacífica poesia descritiva, quase morreu na poesia contemporânea, porque a paisagem agora está dentro da alma do homem, da mistura com os seus sonhos mutilados, suas ânsias e desesperos. [...] O que emerge dela, é apenas o que nos pode transmitir desse mundo substancial de inquietação: o brilho de uma estrela inatingível, o vôo de um pássaro fugaz, uma rosa que aumenta sua própria beleza pela proximidade da morte (Napoleão, 1949, p. 7).

Por último, com três publicações, o conto, na revista *Caderno de Letras Meridiano*, o conto apresenta os aspectos corriqueiros da vida cotidiana e personagens com conflitos internos característicos do movimento modernista brasileiro, a exemplo do texto “Adolescência”, de O. G. Rego de Carvalho:

[...] Por instantes Renato esteve parado com a mão segura no corrimão, e entregue a um vago desvanecimento. Ultimamente não era raro ficar angustiado por razões que desconhecia. [...] O pressentimento da morte tomou conta de si então. Apavorado, via-se deitado [...], a face pálida coberta de um lenço. [...] Durante alguns minutos permaneceu hirto, tentando desviar do pensamento a visão do próprio funeral. [...] (Carvalho, 1949, p. 5).

Além dessas publicações, o periódico veiculou eventos e notícias relacionados à vida literária do estado, como, por exemplo, as atividades realizadas pelo Clube Telúrico⁴³, pela ABDE local e por outras associações nacionais, bem como conferências literárias e a divulgação de livros, revistas e jornais.

43 O Clube Telúrico Euclides da Cunha foi uma associação cultural fundada pelos intelectuais Clidenor de Freitas, psiquiatra; Cícero Martins, engenheiro; José Olímpio, professor; Júlio Vieira, poeta; Ulisses Marques, médico, dentre outros.

A multiplicidade de conteúdos e gêneros textuais presentes foi fator determinante para que o periódico alcançasse um maior número de leitores. Levando-se em consideração as características, temáticas e objetivos de cada texto, observamos que esse hibridismo revelava a multiplicidade de olhares dos autores naquela época, revelando, sobretudo, os anseios, as angústias e as perspectivas que dominaram a cena cultural do Piauí.

Na seção seguinte, abordamos a dialética do regional X universal presente nas páginas da revista.

5.2 A dialética do regional X universal na revista *Caderno de Letras Meridiano*

Nesta seção apresentamos a análise das categorias regional e universal presentes na revista *Caderno de Letras Meridiano*, com apoio nas contribuições do crítico literário Antonio Candido, do pesquisador Humberto Ermenegildo, do escritor Goethe, do crítico José Guilherme Merquior, entre outros.

O destaque dado a esses dois domínios na publicação se deve ao fato de que foram e continuam sendo instrumentos de afirmação regional/nacional. Além disso, traduziram os contextos histórico, social e cultural do período e situaram o Piauí como estado que objetivava a inserção nesse ambiente. Localizar o estado nessa discussão possibilita, também, que se perceba como o traço cultural da região contribuiu para a formação do todo ao longo do tempo.

O regionalismo enquanto tendência literária, ao longo de sua trajetória na historiografia literária brasileira, foi sinônimo de subliteratura, isso porque durante o Romantismo

agregou “ao seu conceito noções como ‘localismo’, ‘pitoresco’ e ‘bairrismo’” (Araújo, 2008, p. 119). A noção de pitoresco se deveu à visão idealizante promovida pelo Romantismo na busca pela identidade nacional resultante do otimismo patriótico dos românticos, que exaltavam as particularidades de cada região através de um exotismo compensador. Candido (2000b), ao tratar das características que deram a essa vertente imagem negativa, nos mostra o problema:

[...] certas fontes primárias de nativismo e regionalismo literário, [...] reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco, fazendo da paixão e do sofrimento do homem rural, ou das populações de cor, um equivalente dos mamões e dos abacaxis. Esta atitude [...] redundava em fornecer a um leitor urbano europeu, ou europeizado artificialmente, a realidade quase turística que lhe agradaria ver na América. (Candido, 2000b, p. 157).

Esse período, denominado por Candido (2000b) como fase da consciência amena de atraso, predominou até a década de 1930 e correspondeu à ideologia de país novo, que se utilizava dos seus atributos naturais/ paisagísticos para compensar o seu atraso em relação às demais nações. Nessa época, o território brasileiro era visto como elemento de destaque, ostentado de forma romântica, em tom heroico, com a finalidade de construir uma imagem imponente. “[...] O precedente gigantismo de base paisagística aparece então na sua essência verdadeira – como construção ideológica transformada em ilusão compensadora” (Candido, 2000b, p. 142).

Com o advento do Modernismo, a missão de construir uma identidade nacional ganhou novos ares, ocasionando o reaparecimento da vertente regionalista, o que nos leva a

considerar o regionalismo como fenômeno histórico e dinâmico (Araújo, 2008).

Denominado por Candido (2000b) de fase da consciência catastrófica de atraso, foi nesse período que o país tomou consciência de seu subdesenvolvimento e foi buscar, através das artes, mais especificamente da literatura, a superação do seu atraso. Nesse sentido, houve uma participação nunca antes vista de outros estados, sobretudo do Nordeste, revelando um outro Brasil ao restante do país. De acordo com Candido (2000b, p. 187), no tocante ao período compreendido entre 1930 – 1945, “[...] foi a extensão das literaturas regionais e sua transformação em modalidades expressivas cujo âmbito e significado se tornaram nacionais, como se fossem coextensivos à própria literatura brasileira.”

O debate em torno das questões regionais no segundo momento decisivo da literatura brasileira suscitou a discussão entre o particular e o universal, sendo que o regional pitoresco do período romântico deu lugar a uma literatura mais combativa e engajada, em que as questões ideológicas predominaram (Candido, 2000b). Nessa perspectiva, o panorama da literatura brasileira foi composto de várias partes que se uniram em prol de um todo. Essa nova estética privilegiava os problemas sociais do país, refletindo o período conturbado pelo qual passava, assim como as dores e sentimentos do homem.

Para discutirmos o objeto deste tópico, nos servimos da noção de *weltliteratur*, de Goethe, que, em cartas trocadas em 1827 com seu secretário, Johann Peter Eckermann, elaborou a ideia de literatura universal:

Quarta feira, 31 de janeiro de 1827.

[...] Cada vez me parece mais, Goethe continuou, que a poesia é patrimônio comum da humanidade e que todos os lugares e em todos os tempos se manifesta em centenas de pessoas [...] o dom poético não é assim tão raro e não há razão para nos orgulharmos quando compusermos uma poesia boa. Nós, os alemães, se não olharmos para fora do nosso apertado ambiente, caímos facilmente nesta ignorância pedante. É por isso que gosto de me informar do que se passa nos outros países e aconselho a todos a que procedam assim. Literatura nacional não quer hoje dizer coisa muito importante: chegamos ao momento da literatura mundial e todos devemos contribuir para apressar o advento de tal época. Nesta apreciação das coisas estrangeiras não devemos cair na limitação a uma só coisa e considerá-la como modelo depois. Não devemos circunscrever-nos ao chinês ou ao sérvio, a Calderon ou aos Nibelungos: antes, para satisfazermos a nossa necessidade de ter por perto um modelo, recuemos antes até os gregos em cujas obras a beleza humana está bem expressa. Todo o restante deve ser considerado só sob o aspecto histórico e dele tirar-se somente o que tiver de bom, quando for possível (Eckermann, 1947 apud Heise, 2007, p.161).

A partir do trecho da carta, depreendemos que o universal goethiano diz respeito ao intercâmbio cultural entre as nações, evidenciando-se o que há em comum entre diferentes culturas, isto é, os valores universais da humanidade, como, por exemplo, o amor, o ciúme, a violência, o confronto entre o bem e o mal etc., sem que, para isso, se percam os elementos regionais. Para Goethe, o universalmente humano, a aceitação das diferenças, é o que deve realmente se sobressair, não devendo a tendência à universalização se basear em uma homogeneização da cultura, ao contrário, é preciso

ter cuidado com o nacionalismo apaixonado que se satisfaz apenas com suas fronteiras.

Nesse sentido, o periódico *Caderno de Letras Meridiano*, na qualidade de instrumento propagador de ideias, buscando superar as fronteiras do local e informar a respeito das novas tendências no panorama cultural do país (Marques, 2013), se reafirmou como veículo preocupado em debater as questões em torno da dialética do particular X universal, a partir do momento em que seus fundadores tomaram consciência da importância dessas categorias para a criação literária. Além disso, colaborou para o alargamento das discussões acerca da diversidade cultural brasileira. Para a discussão dessa temática, utilizamos os textos “Fora da vida”, “Nossa Formação”, “Panorama” e “Saudade”.

Em “Fora da vida”, texto publicado na edição de número 2, de dezembro de 1949, ao realizar a análise de uma obra, o crítico literário manifesta sua preocupação acerca da problemática regional, ressaltando os principais aspectos que deveriam ser considerados em se tratando de obras da vertente regionalista, como segue:

[...] Procurando fixar alguns aspectos característicos de sua terra e especialmente de sua velha cidade do Salvador, fonte perene de inspiração de quantos artistas e escritores a ela estejam ligados, o sr. Vasconcelos Maia nos dá alguns quadros deliciosos de um forte sabor local. Já se tem dito há já bastante tempo, e é mesmo uma consideração primária em matéria de criação artística, que **é através do local que se chega ao universal**, sendo, portanto, o regional o caminho mais certo para atingir-se a perenidade na criação literária. Entretanto, cumpre distinguir em que

sentido se deve tomar aqui a palavra regional, a fim de poder diferenciá-la do **puro regionalismo de superfície, que, quando muito, pode nos dar alguma cena de sabor apenas pitoresco. Jamais possuindo, no entanto, a força de durabilidade capaz de perpetuá-las, que admirá fatalmente de um sentido universal.** (Nunes, 1949, p. 2, grifos nossos).

Por meio do trecho transcrito, percebemos que Nunes (1949) retoma a ideia de regionalismo pitoresco com a finalidade de demonstrar a dimensão romantizada, circunstância que levou à imagem negativa dessa tendência para, a partir daí, expor as características da vertente defendida pelos escritores da geração de 1930.

A noção goethiana de literatura universal é celebrada pelo crítico quando ele enfatiza a importância das características particulares de cada região sem deixar de considerar a essência humana. O regionalismo defendido no texto consiste em enfatizar os traços universais presentes nas peculiaridades locais:

[...]

Por conseguinte, **o sentido do autêntico regionalismo, ou será a busca permanente do próprio homem, surpreendido inteiro, no meio da própria deformação imposta pelo ambiente, ou então, prendendo-se exclusivamente ao circunstancial, refletindo apenas o aspecto exterior da paisagem humana** — fala, gestos, usanças, cacoetes típicos, etc., jamais êle recriará os grandes instantes da vida de determinado aglomerado humano, apreendendo **a essência eterna do homem**, que, segundo a lição humanista, é a mesma de tôdas as épocas (Nunes, 1949, p. 2; 19, grifo nosso).

A partir do excerto acima, depreendemos que, por meio da revista, os escritores procuravam difundir à sociedade piauiense as novas perspectivas do restante do país, buscando, dessa maneira, desfazer ou, pelo menos, amenizar o descompasso existente entre o Piauí e os centros culturais mais avançados. Ao disseminar as ideias vigentes nos grandes núcleos a respeito das literaturas locais, o periódico em estudo também exerceu papel pedagógico e de formador de opinião, demonstrando e reforçando as condições necessárias que outorgavam a uma obra o caráter perene. Para Nunes (2017, p. 139),

Além desse enriquecimento da temática do nosso romance, houve igualmente uma profunda renovação da língua literária, a fim de poder ele dar maior expressão à linguagem dessa nova classe social, procurando imprimir-lhe um novo tratamento literário.

A nova estética literária, surgida a partir de 1930, continuou em destaque nas folhas da publicação através da divulgação do diagnóstico do cenário cultural brasileiro, no ensaio “Nossa formação”, de Clemente Fortes. O ensaio se inicia com a reflexão sobre as diferenças entre as regiões do Brasil e suas consequências para a formação dos escritores. Essa percepção se deu em função da nova ordem surgida com a modernidade, que deu relevo à consciência social:

Sabemos como tem sido desigual a nossa formação sobre um território vastíssimo. O que acontece hoje estava determinado por essa irregularidade. É visível que o norte se distingue do sul. Já ninguém o nega. Mas, que variantes ainda num e noutro caso! (Fortes, 1949, p. 11).

O pensamento mais democrático em relação à cultura começou a permear o meio artístico e social a partir dos anos 1930, quando ela passou de artigo de luxo de uma aristocracia a um direito de todos: “[...], houve maior consciência a respeito das contradições da própria sociedade, podendo-se dizer que sob este aspecto os anos 30 abrem a fase moderna nas concepções de cultura no Brasil” (Candido, 2000b, p. 195). Nesse sentido, Fortes (1949) ressalta que, apesar dessa heterogeneidade, o regionalismo enquanto prerrogativa para alcançar a universalidade tornou-se um denominador comum a todas as regiões, entretanto “[...] o que é preciso é [...] dar menos importância ao nacionalismo de superfície dos tacapes, dos borés, para descobrir o que hoje já existe – um princípio interior que mais se pode sentir do que se dizer – a alma da raça” (Fortes, 1949, p. 11).

O tom incentivador do texto, ao mesmo tempo em que ratifica as diferenças existentes entre as regiões, encoraja os escritores a seguirem pelo viés regionalista sem o receio de não serem reconhecidos no âmbito cultural, ou de perderem a tão almejada universalidade. Vejamos alguns fragmentos:

[...] Duas considerações se impõem ao atingirmos estas linhas. E a primeira é que se a literatura, para dar seus melhores frutos, se condiciona **ao regional, ao local**, estaremos sustentando, conseqüentemente, a impossibilidade de sua unidade no Brasil [...]. A isto responderemos de duas maneiras [...]. Ninguém ignora que não temos ainda uma fisionomia nacional, ao menos tão nítida quanto a têm outros povos. É certo. Mas não vemos, em primeiro lugar, que seja impossível existir uma característica nacional sob matizes diversos regionais. Cremos que pode subsistir, perfeitamente, um denominador comum subjacente às variedades de ordem local.

[...]

Não se chama dividir a literatura nacional em duas. E apenas afirmar a unidade na multiplicidade.

[...]

A segunda consideração, [...], está no receio que têm alguns de que a **marca do local** roube à criação artística a universalidade, o sentido do **humano**. Mas pesemos. Habitueмо-nos à idéia do universal que tem perpetuado certas obras e separam-as, ao mesmo tempo, das literaturas a que pertencem. Esclareceria, talvez, isso quando lembrasse que ninguém se esquece do caráter humano de obra como o D. Quixote, o Hamlet, por exemplo, mas que se deixa de ter presente ao espírito que são obras do povo espanhol, do povo inglês, nos quais já nos acostumamos a reconhecer a existência de uma literatura perfeitamente definida. Quero dizer que pensamos nestes livros, no humano que contêm, como se o que fizesse uma grande literatura fosse o desprezo pelo local, o propósito de transpor limites e fronteiras e falar a todos os homens. [...] é nas entranhas do local e circunscrito que se há-de buscar o universal, assim como nas entranhas do temporal e passageiro, o eterno, perderá o mêdo a este fincar raízes no sol da região com que trabalham as suas obras os artistas de raça. [...] (Fortes, 1949, p. 11, grifo do autor).

Alicerçado em obras como D. Quixote e Hamlet, Fortes (1949) ilustra a questão do regional e do universal e dirime qualquer incerteza em relação às obras que retratam as especificidades de cada região. De acordo com o autor, a universalidade nessas obras está presente nas manifestações humanas, com suas discontinuidades, incompletudes, sentimentos, caráter, angústias etc. O diálogo entre o particular e o universal se apresenta para além das condições nacionais e é um fator importante para a inserção de culturas tão diferentes em um

cenário bastante matizado, como é o caso brasileiro. Ao analisar a estética surgida nos anos 30 do século xx, Merquior (2011, p. 42) afirma que ela representa de forma plena o Brasil e o mundo, atingindo, dessa maneira, o caráter universal, sendo, portanto, um “regionalismo [...] de integração de culturas”.

Como espaço simbólico em que o novo é institucionalizado, as revistas e suplementos literários surgidos a partir da década de 1940 assumiram relevante papel na disseminação e fortalecimento do movimento modernista. Foi com essa perspectiva que o ensaio “Panorama”, de autoria de Manoel Paulo Nunes (1949), apresentou os periódicos brasileiros que traziam em seu cerne as questões locais. Além de exaltar o caráter sociológico das obras do período, o autor reitera a inserção do Piauí no panorama cultural da época através da revista *Caderno de Letras Meridiano*.

[...] Com efeito, desde as suas manifestações embrionárias, desde quando principiaram a afirmar-se as tendências que iriam dar lugar ao aparecimento de uma literatura com raízes no sentimento nativista, [...], que a literatura nacional tem consistido de afirmações autônomas de núcleos de cultura que se vão formando na vasta província do Brasil. o movimento Modernista, partindo do grupo irreverente de São Paulo, que lhe daria a forma, e continuado pelos grupos da Bahia e do Recife, que lhe dariam o conteúdo caracterizadamente sociológico, a partir de 1930, uma literatura em que passaria a dominar o romance de tese social e o ensaio sociológico, viria consagrar mais ainda a autonomia dos grupos regionais com o aparecimento de escritores que repetiam em seus livros as cores vivas do ambiente em que viviam. [...] Nas diversas regiões do País, eis que se manifesta, através de suplementos literários,

revistas e jornais de novos, um novo espírito nas letras nacionais, anunciando o aparecimento de uma geração, debatendo novos problemas estéticos, não mais satisfeita com as soluções até então apresentadas pelos cânones do Modernismo, e portadora de uma mensagem altamente revitalizante para a literatura nacional. Podemos referir, dentre os mais representativos desses novos núcleos de cultura, o grupo da revista Joaquim, do Paraná, que já projetou nas letras nacionais o contista Dalton Trevisan, o grupo Orfeu, do Rio, do qual vale salientar o nome de Ledo Ivo, [...], o grupo de Quixote, do Rio Grande do Sul, [...]. No Norte, o grupo do Caderno da Bahia, de Salvador, da Paraíba, e do Correio das Artes, de Pernambuco, [...].

Importa, principalmente, que através delas, se faça sentir a presença de um novo espírito na literatura, ocasionando profundas modificações em uma temática e em uma técnica literária já ultrapassadas, garantindo a permanência de elementos que possam produzir a renovação dos processos literários em voga, que poderá ser expressa como sendo a aspiração à conquista do direito permanente da pesquisa estética que é a base sobre qual deve operar todo movimento de renovação literária. (Nunes, 1949, p. 9).

Sem dúvida, além de espaço para experimentação de linguagem, essas publicações se tornaram agentes importantes de intervenção no meio cultural, como considera Marques (2013, p. 16): “Nessa época em que era escassa a publicação de livros, as revistas também constituíram, portanto, um laboratório de experimentações no campo da teoria estética e da crítica literária”, oportunizando a divulgação de novos escritores, conforme assinala Silva (2006, p. 89): “Com apenas três números publicados, a revista revelou-se de grande importância para a Literatura do Piauí, dando nome

à geração, na periodização literária do Estado, revelando grandes expoentes no cenário local [...]”.

Isso posto, fica evidente que os fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano* estavam preocupados em discutir os diversos aspectos da realidade cultural brasileira, tornando possível por meio dessa descentralização intelectual um maior entendimento a respeito das culturas regional e nacional. Assim, a valorização dos elementos regionais foi importante para a construção e afirmação cultural do Brasil.

Até aqui, a discussão acerca do regional X universal transitou apenas a partir da década de 1930 em diante, contudo, apesar de esse trabalho abordar as características modernistas na revista *Caderno de letras Meridiano*, convém apresentar também, a título de ilustração, esse binômio na poética de Da Costa e Silva⁴⁴.

Inteiramente dedicado ao poeta amarantino, o fascículo nº 3 traz uma série de poemas que perpassam ao longo de várias décadas e estilos literários. Eleito

“Príncipe dos poetas piauienses”, Da Costa e Silva é conhecido por trabalhar em suas obras os signos locais, como a cidade de Amarante, o rio Parnaíba, a fauna e a flora piauiense, dentre outros aspectos, bem como temáticas universais, como o amor, a saudade e a morte. O viés telúrico consubstanciado com temas universais convida o leitor a uma revisitação do passado vivenciado pelo poeta. A celebração da saudade se manifesta através da figura materna, da terra

44 Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em Amarante, em 23 de novembro de 1885, falecendo em 29 de junho de 1950, no Rio de Janeiro. Poeta, jornalista e crítico literário, é considerado o maior poeta piauiense de todos os tempos. Foi cognominado “Poeta da saudade”. Escreveu para jornais e revistas de vários estados. É autor da letra do hino do Piauí. Pertenceu à Academia Piauiense de Letras.

natal, do rio, da infância etc. Dessa maneira, apesar de retratar o local, Da Costa e Silva atinge a transcendência regional, traduzindo, assim, sensações comuns a qualquer homem, independentemente de lugar, como a solidão, a nostalgia, a saudade, a melancolia e tantas outras. Com efeito, o que faz a obra poética de Da Costa e Silva ser universal é esse ir além do particular, como o demonstra o seguinte poema, que configura essa dialética:

Saudade

Saudade! Olhar de minha mãe rezando,
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho... O caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredor, piando, piando...
E, ao vento, as folhas lívidas cantando
A saudade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
As mortalhas de névoa sobre a serra...

Saudade! O Parnaíba - velho monge
As barbas brancas alongando... E, ao longe,
O mugido dos bois da minha terra...
(Silva, 1950, p. 12)

Nesse soneto, a paisagem local, recriada pelo poeta através das imagens do rio Parnaíba, dos caburés e canaviais, nos permite uma apreensão dos aspectos ambientes, no entanto, o sentimento saudosista em relação ao amor materno e às suas raízes confere um valor altamente universal à obra.

Diante do exposto, entende-se que a revista *Caderno de Letras Meridiano* traduziu a preocupação referente à temática regional X universal que se instaurou no país a partir da década de 1930. Por meio da divulgação de textos e poemas que abordavam essas ideias, a publicação foi ao encontro dos anseios do panorama literário da época, apresentando ao Piauí o que estava sendo objeto de debate no período e configurando-se como ferramenta de divulgação e de legitimação do Modernismo no estado.

A seguir, tratamos da relação entre a tradição e a vanguarda predominante nas folhas da revista *Caderno de Letras Meridiano*.

5.3 Entre a vanguarda e a tradição

No tópico anterior, direcionou-se o olhar para o programa modernista predominante na fase de 30 com a análise dos domínios regional e universal presentes na revista *Caderno de Letras Meridiano*, destacando seu papel de propagadora dessas ideias, e de responsável por sistematizar e instituir o movimento no Piauí. Além disso, observou-se também a latente preocupação dos fundadores da publicação com a inserção do estado no panorama cultural brasileiro, por meio de textos que informavam a respeito dos novos ideais artísticos que emergiram com a modernidade.

Doravante, apresenta-se o diálogo entre a vanguarda e a tradição trazido pelo periódico em estudo. Para tal, considere-se o conceito de tradição proposto por Bornheim (1987, p. 20):

A tradição pode, assim, ser compreendida como o conjunto dos valores dentro dos quais estamos estabelecidos; não se

trata apenas das formas do conhecimento ou das opiniões que temos, mas também da totalidade do comportamento humano, que só se deixa elucidar a partir do conjunto de valores constitutivos de uma determinada sociedade.

Com o advento da era moderna, o elo entre *tradição* e *vanguarda* se tornou ainda mais patente. A tradição remete aos valores transmitidos de geração em geração, aos costumes e práticas cristalizadas ao longo do tempo; em contrapartida, o novo manifesta-se como o moderno, o contemporâneo. Nesse sentido, debater a relação entre essas duas instâncias é fundamental, tendo em vista que são termos que, na maioria dos casos, suscitam controvérsias, demandando uma maior reflexão. Sempre tomados um como o oposto do outro pelo senso comum, esses dois domínios, quando vistos com um olhar mais acurado, revelam a noção de completude e de renovação.

No livro *Os filhos do barro*, Octávio Paz (1984, p. 18, grifo do autor) afirma que

A modernidade é uma tradição polêmica e que desaloja a tradição imperante, qualquer que seja esta; porém desaloja-a para, um instante após, ceder lugar a outra tradição, que, por sua vez, é outra manifestação momentânea da atualidade. A modernidade nunca é ela mesma: é sempre *outra*.

A modernidade, com sua necessidade de constante atualização baseada no princípio da reflexividade proposto por Giddens (1991), constitui-se como uma tradição da ruptura, isto é, uma tradição composta por recomeços. Nesse sentido, pode-se afirmar que o vínculo entre o passado e o presente, entre o velho e o novo, entre o antigo e o contemporâneo não

pode ser tomado como negação, distanciamento ou separação, mas como instâncias que se complementam:

A tradição do moderno encerra um paradoxo maior do que o que deixa entrever a contradição entre o antigo e o novo, o moderno e o tradicional. A oposição entre o passado e o presente literalmente se evapora, pois o tempo transcorre com tal celeridade, que as distinções entre os diversos tempos — passado, presente, futuro — apagam-se ou pelo menos se tornam instantâneas, imperceptíveis e insignificantes. Podemos falar de tradição moderna sem que nos pareça incorrer em contradição porque a era moderna poliu, até apagar quase por completo, o antagonismo entre o antigo e o atual, o novo e o tradicional (Paz, 1984, p. 22).

Levando-se em consideração as palavras de Octávio Paz (1984), percebe-se que o periódico *Caderno de Letras Meridiano* possibilitou o diálogo entre esses dois domínios por meio da publicação de textos que contemplavam diversos autores e estilos literários, como é o caso do artigo de opinião sobre Rui Barbosa, de autoria de Clemente Fortes, e os poemas simbolistas, parnasianos e modernista de Da Costa e Silva. Tomado sob esse viés, pode-se afirmar que o respeito às tradições literárias por parte dos membros diretores do periódico se tornou manifesto, sobretudo com o lançamento do fascículo nº 3, de 1950.

O último número é composto basicamente por poesias do homenageado e um estudo crítico produzido por Clemente Fortes. A despeito da grande quantidade de poemas publicados pelo periódico, é analisado somente o poema “Carrossel Fantasma”, com o intuito de ilustrar o diálogo entre a tradição e o movimento modernista. Em relação aos demais poemas, discorre-se de modo tangencial a respeito dos

temas e estrutura textual, visto que não fazem parte dos objetivos deste livro.

A obra dacostiana se revela como uma mescla de diferentes estilos que incluem elementos do Parnasianismo e do Modernismo. Isso se deve ao período de transição no qual o poeta produziu sua obra:

Nascido no século passado e tendo escrito sua obra até aproximadamente 1931, era natural que sua formação literária se tivesse plasmado de todas as contradições e inquietações culturais e científicas do seu tempo [...]. Portanto, seria previsível que literariamente Da Costa e Silva ainda hesitasse entre um ‘simbolismo tardio’ e uma produção artística que perseguisse também as formas modernas de sua própria época (Silva Filho, 1996, p. 17).

Os poemas publicados no fascículo ora citado foram retirados dos livros *Sangue* (1908), *Zodíaco* (1917), *Verônica* (1927) e *Alhambra* (1925-1933). *Sangue* (1908), livro de estreia do poeta amarantino, é considerado uma obra predominantemente simbolista devido aos valores estéticos, formais e semânticos presentes nos poemas. No que concerne ao campo semântico, são observadas expressões que remetem à transcendência espiritual, à integração cósmica, ao mistério, ao sagrado e ao conflito entre matéria e espírito, bem como o emprego de letras maiúsculas para conferir valor absoluto. O caráter metafórico das palavras amplia o universo de significados. O campo formal é elaborado a partir do rigor, com o esquema de rimas cruzadas conferindo musicalidade aos versos.

Do livro *Zodíaco* (1917), os poemas “Amarante”, “O Aboio”, “A Balsa” e “A Moenda”, constantes no número do periódico

em estudo, fazem parte, segundo Silva Filho (1996), da geografia da saudade:

Essa **geografia da saudade** definiria um conjunto de poemas nos quais o impulso evocativo predomina de **fora** para o interior do poeta. Por isso, esses poemas são, de modo geral, de extração **parnasiana**, ao contrário do que se dá com o conjunto de sonetos “sob outros céus”, nos quais o impulso evocativo dominante é de **dentro** para fora, ou seja, aquela paisagem **fisicamente** evocada cede lugar à paisagem **espiritualizada** e os sonetos serão, em geral, de recorte **simbolista** (Silva Filho, 1996, p. 78, grifos do autor).

Poesias descritivas, marcadas pela pintura de fenômenos naturais, perfeição formal, cuidado com a rima e com o ritmo, marcas características do parnasianismo, são identificados nos poemas que fazem parte do livro. Nesse sentido, percebe-se que H. Dobal, M. Paulo Nunes e O. G. Rego de Carvalho, ao compilarem poemas que contemplavam as características estéticas de outrora, levavam em consideração a importância do passado no presente, isto é, tomavam como base a concepção de tradição que Mário de Andrade tinha em relação à tradição literária: para conhecer e vivenciar a realidade brasileira do momento, era indispensável a vivência histórica. A articulação entre o novo e o antigo no periódico, representada pelo contato dos elementos modernizadores no ambiente cultural piauiense, possibilitou o surgimento de uma expressão literária sob influência do moderno, como é o caso do poema “O carrossel fantasma”:

O Carrossel Fantasma

Ganhei o dia a meditar na minha vida,
porque a saudade me levou à longínqua Amarante
que cisma, talvez por mim, debruçada sobre as águas
lentas e sonolentas do Parnaíba
a rolar para o mar como eu para o mistério...
Então, num sonho de criança convalescente,
vem-me à memória o carrossel que fascinava,
no seu giro constante, os meninos de minha idade:
Cesário, Luís, Holanda... meus irmãos Nica e Joca,
na vertigem do carrossel arrebatados tão cedo!

Tal qual o largo da matriz em noites de novena,
meu pensamento se ilumina de uma luz ardente e doce
como a dos balõezinhos pendentes dos arcos verdes,
festionados de folhagens e frementes de bandeirolas...
E vejo, com os olhos de hoje, ao fundo do largo em festa,
o mesmo carrossel ruidoso da minha ruidosa infância,
rodando... rodando... rodando continuamente...

Eu fui o mais feliz dos meninos do meu tempo:
gastava todas as moedas das imagens que fazia
(já tinha o dom divino de um criador de imagens)
a dar voltas e voltas nos cavalos de madeira,
que galopavam automaticamente, feito cavalos árabes...
Era arrogante e destemido que nem os vaqueiros da minha terra,
quando galgava o lombo de um desses pégasos sem asas,
mas nem por sombra imaginava o meu destino de poeta...

O carrossel parou no largo... mas não pagou na vida...
Continua em meu sonho, rodando... rodando sempre...
E andando e desandando, num ritmo contraditório,
ainda me dá a alegria inevitável de dar voltas...
de girar, de rolar como os astros no espaço,
de elevar-me a um destino superior ao do planeta,
que em torno da sua órbita, como um símbolo, roda...

— Upa! upa! meu pensamento

Esse poema, organizado em quatro estrofes, é um exemplo de como os estilos literários se misturam apesar da ascensão do Modernismo. Não obstante a ausência de metrificação, nota-se um rigor de feições do Parnasianismo na linguagem, escola literária que consagrou escritores como Olavo Bilac. Essa fusão de características fortalece a tese de que há uma tradição de continuidade nas estéticas literárias, sendo que Da Costa e Silva usa de destreza linguística para expressar sua insatisfação com a própria existência, para tratar da fragilidade do homem perante as forças naturais e imprevisibilidade da vida, características da produção poética modernista.

Conforme Silva Filho (1996, p. 69), “O Carrossel Fantasma” é

um poema longo, com 33 versos livres, sem rimas, em ritmo de prosa poética, formado de 4 densas estrofes seguidas de um único verso destacado da última estrofe [...] Poema que escrito com intenções francamente antipassadistas, vislumbramos, todavia, no poema, alguns sinais daquele poeta que manifestou uma grande familiaridade com as formas parnasianas, simbolistas, românticas e clássicas. São traços linguísticos de que por vezes não se libertou na composição das imagens e consequentes correspondências fônicosemânticas.

A primeira estrofe manifesta a saudade da terra natal, das lembranças felizes da infância. O carrossel, elemento simbólico do poema, pode representar vários aspectos, dentre eles, o tempo, do “giro constante” e inevitável que é a vida. É perceptível a ideia de que o presente não traz grandes alegrias para o eu-lírico, que rememora o carrossel, representante de uma rotina infeliz que se repete a cada dia e o

faz reviver a criança feliz de outrora. Ao imaginar, apresenta o destino de poeta em um pégasos sem asas, em menção ao mito grego, revelando novamente características parnasianas e simbolistas.

Na última estrofe, há as características mais marcantes do estilo modernista, a saber, a submissão do homem perante as forças sobrenaturais do universo e a persistência do sujeito, uma vez que não resta nada a fazer a não ser deixar o carrossel fantasma girar – “é inevitável dar voltas” –, demonstrando que o homem não tem poder algum sobre a natureza e o destino.

Diante disto, nota-se como o autor soube representar as mazelas humanas sem perder o rigor linguístico dos parnasianos, fortalecendo a ideia de que a tradição moderna, como defende José Guilherme Merquior (1980), só cumpriria sua principal aspiração de diálogo direto com o público caso conseguisse conciliar ideia e forma. Nesse sentido, confirma-se o entendimento de Paz (1984) e Bornheim (1987) a respeito da relação entre passado e presente quando afirmam que uma tradição, para ser perene e eterna, necessita, sem dúvidas, de rupturas, de movimentos que a renovem, caso contrário, ela será estanque.



6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstra-se no decorrer deste livro, a revista literária *Caderno de Letras Meridiano* surgiu a partir das transformações advindas da modernidade. As conjunturas mundial e nacional apontavam para uma reformulação do pensamento nas várias esferas da vida humana e, nesse sentido, a capital do Piauí, sob influência dos grandes centros urbanos, empreendeu diversos esforços para acompanhar o contexto de transformações pelo qual o mundo estava passando. Dentre as medidas tomadas, observa-se a reestruturação da malha urbana cujo intuito era conferir uma imagem moderna à cidade e a chegada de novas tecnologias. No ambiente cultural, novas funções são assumidas pelas antigas formas de sociabilidades, bem como se dá o surgimento de outras diversões, a exemplo do cinema.

No processo de modernização de Teresina, percebe-se que a inserção dos elementos modernizadores ocorreu sem maior relutância e, em muitos casos, foi legitimada pelos discursos da elite e dos intelectuais que almejavam compartilhar do processo de renovação que ocorria no restante do país. Inspirados pelo desejo de inovação que circulava entre os literatos das demais capitais brasileiras, a mocidade teresinense se articulou para promover as ideias modernistas com a finalidade de renovar a produção literária piauiense e projetar o estado no cenário cultural nacional, bem como lançar novos escritores. Assim, foi criado o periódico *Caderno de Letras Meridiano*.

Conforme análise realizada, observa-se a multiplicidade de gêneros textuais presentes nessa publicação, predominando o poema, com formas e temas diversificados. Em segundo lugar, tem-se o ensaio, sintetizando os aspectos relacionados às produções da geração de 30, aos novos rumos da poesia moderna e ao modo de vida do homem moderno. As novas configurações advindas da modernidade também são pautas dos artigos de opinião e dos contos.

Como agente de intervenção no meio intelectual, o periódico foi instrumento sistematizador e disseminador do programa modernista no Piauí, tendo em vista que fez um apanhado de boa parte do movimento, oportunizando aos piauienses o contato com a nova consciência estética que despontava naquele momento. Verifica-se que as modificações advindas com a primeira geração do Modernismo não foram alvo de discussão na revista, o que não nos surpreende, tendo em vista o período de criação dela.

A ênfase dada à fase de consolidação ou geração de 30 pelos fundadores do *Caderno de Letras Meridiano* mostrou-se bastante fecunda, porque viabilizou uma nova forma de compreender as diversas realidades que compunham o Brasil, e revelou a dinamicidade dos locais distantes dos grandes núcleos culturais. O elemento regional, presente nas discussões dos textos trabalhados, manifestou-se como fator da descentralização intelectual, que contribuiu para o processo de formação e afirmação cultural do país, bem como tornando-se atributo indispensável para alcançar a universalidade de uma obra de arte. As particularidades estéticas defendidas pelos membros fundadores da revista *Caderno de Letras Meridiano*, quando bem realizadas no momento da fatura, refletem a totalidade da experiência humana e resguardam essas obras do valor negativo que sempre esteve atrelado ao regionalismo.

Além desses aspectos, a valorização dos elementos regionais pela publicação apresentou ao debate intelectual do período as peculiaridades locais que outrora não eram reconhecidas como parte integrante das diversidades culturais do país, inserindo, dessa maneira, o Piauí no contexto cultural nacional.

Outro aspecto que nos chamou atenção na publicação foi a relação entre a vanguarda e a tradição. Nesse sentido, toma-se a tradição como um constate movimento de rupturas, em que o tradicional e o novo se complementam em prol de uma renovação cultural. Por meio da análise do poema “O Carrossel Fantasma”, pode-se constatar as transformações estético-formais que se vincularam ao contexto social brasileiro da época. Percebe-se, com isso, que o elo existente entre

modernidade e a tradição é dinâmico, visto que a criação literária é matizada pelo tempo presente, assim como por valores já consagrados, ocorrendo, portanto, um movimento sincrônico. Nesse sentido, a articulação entre esses domínios, analisada, em especial, no fascículo nº 3 (1950), permitiu concluir que esse diálogo fomenta a renovação literária, sem deixar de lado o legado local.

Em virtude do que foi exposto, fica patente a importância do periodismo literário para a disseminação da literatura nos pequenos centros, como foi o caso do Piauí. Em um período em que a difusão de informações era precária, revistas e jornais foram as ferramentas mais eficazes no sentido de impulsionar a vida literária dos escritores, atualizando o cânone.

Apesar de sua efêmera existência, a revista *Cadernos de Letras Meridiano* foi fundamental para as letras piauienses, pois propiciou aos piauienses conhecimentos acerca do movimento modernista, assim como contribuiu para a formação da literatura nacional. Há de se destacar também o mérito desses grupos de intelectuais que se propuseram a estudar, traduzir e apresentar a arte ao seu público, caso específico dos escritores Manoel Paulo Nunes, O. G. Rêgo de Carvalho e H. Dobal. A visão vanguardista dos três membros diretores da publicação contribuiu para o caráter revolucionário do *Caderno de Letras Meridiano* na época, período em que poucas revistas conquistaram destaque no panorama nacional. Em um momento em que a estagnação cultural predominava, *Caderno de Letras Meridiano* deu um novo fôlego à literatura regional, sendo, portanto, um divisor de águas, uma espécie de nascedouro de intelectuais que

estavam impulsionados pelas ideias modernistas de revolução literária e engajamento social.

Diante do exposto, a retomada dessa temática corrobora a adequação e a importância desse estudo para a historiografia literária piauiense, tendo em vista que aborda um período e uma revista literária pouco discutidos nos estudos literários do estado, fomentando, dessa maneira, o desenvolvimento de pesquisas afins e proporcionando a expansão dessa área.



DIANO

DE LETRAS



EÇÃO

URGO DOBAL

DE CARVALHO

LO NUNES

s ausente da cidade
parece, à procura de
e estante, nossa po-
com esta edição en-
ficada à divulgação
is puras expressões
nal: Da Costa e Sil-
os pelo acolhimento
esde o primeiro ná-
om simpatia, arro-
mpreendimento de
ra de todo não dei-
grande e magoado
nica". Neste ensajo
nir nosso absoluto
pelo apóio do Go-
a Furtado, tanto
ando se sabe da im-
desta homenagem

NENHUM elogio en-
terneceu mais o cora-
ção do poeta amaran-
tino do que ter um li-
vro seu roubado numa
livraria do Recife: a
edição era modesta, e
o anônimo admirador
de Antônio Francisco
da Costa e Silva que-



brou o vidro do mostruário e retirou o último exemplar
de "Sangue". Consagrado dos maiores poetas brasilei-
ros de todos os tempos, pela crítica de Clóvis Bevilacqua,
Tristão de Athayde, Antônio Tôrres, Sílvio Romero, José
Veríssimo, Mário Rodrigues, e tantos outros, que não
contiveram o pasmo admirativo ante a revelação de um
grande artista, que raramente recorria ao artifício, Da
Costa e Silva morreu contudo no mais acafunhado es-
quecimento, em meio às sombras de um mundo fantás-
tico e irreal. Diante de tão inexplicável silêncio, quer
"Mérciano" prestar um tributo de saudade e carinho
àquele que, mesmo na adversidade, sempre trazia no co-
ração o amor à sua terra — a que dedicou "Zodiaco"
com este singular oferecimento: "Ao meu longínquo
Piauí — na divina evocação de sua natureza maravi-
lhosa". Terra para se amar com o grande amor que ti-
nha, Da Costa e Silva exaltou-a no "Hino" que as crian-
ças entoam nas escolas, "sob um céu de imortal clari-
dade". Eis parte desse cântico:

"Salvê! terra que aos céus arrebatas nossas al-
mas nos dons que possuis: a esperança no verde das
matas, a saudade nas serras azuis.

"Piauí, terra querida, filha do sol do Equador,
pertencem-te a nossa vida, nosso sonho, nosso amor!
As águas do Parnaíba, rio abaixo, rio arriba, espalhem
pelo sertão e levem pelas quebradas, pelas várzeas e
chapadas, teu canto de exaltação".

REFERÊNCIAS

ABREU, Irlane Gonçalves de; LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé. Igreja do Amparo: o marco zero de Teresina. **Cadernos de Teresina**, Teresina, ano XII, n. 32, out. 2000.

ADRIÃO NETO. **Dicionário biográfico**: escritores piauienses de todos os tempos. 2. ed. Teresina: Halley, 1995.

ALBUQUERQUE, Simone Ferreira de. de. **Entre poses e imagens**: a moda da elite feminina em Teresina na primeira metade do século XX. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2016.

ANDRADE, José Maria Vieira de. **Entre narrativas e fragmentos**: história, literatura e experiência urbana em O. G. Rego de Carvalho. 2009. 126 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A tradição do regionalismo na literatura brasileira: do pitoresco à realização inventiva. **Revista Letras**, Curitiba, n. 74, p. 119-32, 2008.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Antropos, 1985.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

BORNHEIM, Gerd A. Conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. **Cultura brasileira**: tradição contradição. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 45. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro**: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000a.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2000b.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CARVALHO, Afonso Ligorio Pires de. **Tempos de Leonidas Mello**. 2. ed. Teresina: EDUFPI, 2007.

CARVALHO, Orlando. Geraldo Rego de. Adolescência. **Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, n. 1, p. 5. 1949.

CARVALHO, Orlando. Geraldo Rego de. Lembrança da Arcádia. **O Piauí**, Teresina, n. 501, p. 3., 9 jul. 1949.

CARVALHO, Orlando. Geraldo Rego de. Prosaicos e cabotinos. **O Piauí**, Teresina, n. 502, p. 3., 12 jul. 1949.

CARVALHO, Orlando. Geraldo Rego de. **Como e porque me fiz escritor**. Teresina: Projeto Lamparina, 1989.

CONVERSAS com M. Paulo Nunes. Teresina: EDUFPI, 2012.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DESRESPEITADO o Código de posturas municipal. **O Pirralho**, Teresina, ano 12, n. 12, set. 1947.

DOBAL, Hindemburgo. A diretriz poética dos novos. **Cadernos de Letras Meridiano**, Teresina, n. 1, p. [?], 1949.

DOBAL, Hindemburgo. Momento em Pekim. **Zodíaco**, Teresina, ano 2, n. 8, 11 jun., 1944.

DOBAL, Hindemburgo. Integração. **Geração**, Teresina, ano 3, n. 4, 4 out., 1945.

DUPAS, Gilberto. **O mito do progresso ou progresso como ideologia**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FARIAS, Vanessa Soares Negreiros. **Em busca da Geração Perdida: formação escolar e intelectual dos homens de letras em Teresina**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2015.

FONTINELES FILHO, Pedro Pio. **A letra e o tempo: a escrita de O. G. Rego de Carvalho entre a ficção e a história da literatura**. Teresina: EDUFPI, 2017.

FORTES, Clemente. Nossa formação. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, p. 11, out. 1949.

FRANCISCO Pereira da Silva. **Enciclopédia Itaú Cultural**. São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas359369/franciscopereira-da-silva>. Acesso em: 22 jun. 2018.

GAY, Peter. **Modernismo**: o fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GONÇALVES NETO, Vítor. Gente moça de minha terra: Teresina, cidade esperança – Anísio de Abreu Neto e Silva Júnior – Odete Vieira da Rocha e Guadalupe Lima. **Geração**, Teresina, ano 3, n. 3, 11 ago. 1945.

HEISE, Eloá. Weltliteratur, um conceito transcultural. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, n.11, p. 42, 2007.

HISTÓRIA de Teresina. Disponível em: < <http://semplan.teresina.pi.gov.br/historiade-teresina/> > Acesso em: 30 mar. 2018.

KRUEL, Kenard. **O. G. Rêgo de Carvalho**: fortuna crítica. Teresina, PI: Zodíaco, 2007.

LAFETÁ, João Luiz. **1930**: a crítica e o modernismo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

LEFEBVRE, Henri. **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1962.

MAGALHÃES, Maria do Socorro Rios. **Horizontes de leitura e crítica literária**: a recepção da literatura piauiense (1900-1930). 1997. 302 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

MARQUES, Ivan. **Modernismo em revista**: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

MARTINS, Wilson. **A idéia modernista**. Rio de Janeiro: TopBooks, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto comunista**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**: ensaios de crítica e de estética. 3. ed. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

MONTEIRO, Carlos Augusto de F. **Rua da Glória 4**: o tamanho de uma esperança 1935 - 1945. Teresina: EDUFPI, 2015.

MONTEIRO, Orgmar Marques. **Teresina descalça**: memória desta cidade para deleite dos velhos habitantes e conhecimentos dos novos. Fortaleza: Ed. Junior, 1988.

NAPOLEÃO, Martins. Angústia da vida moderna. **Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, n. 1, p. 7. 1949.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: EDUFPI, 2015.

NUNES, M. C. P.; ABREU, Irlane Gonçalves de. Vilas e cidades do Piauí. In: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (org.). **Piauí**: formação, desenvolvimento, perspectivas. Teresina: Halley, 1995. p. 83-111.

NUNES, Manoel Paulo. Fora da vida. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, p. 2, dez. 1949.

NUNES, Manoel Paulo. **Modernismo & vanguarda**: notas de leitura impressionista. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017.

NUNES, Manoel Paulo. Panorama. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, p. 9, out. 1949.

NUNES, Manoel Paulo. O retorno à infância. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, p. 2, out. 1949.

NUNES, Manoel Paulo. **As solidões justapostas**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1992.

NUNES, Manoel Paulo. **A geração perdida**. Rio de Janeiro: Artenova, 1979.

NUNES, Manoel Paulo. Renovação. **Zodiaco**, Teresina, ano 3, n. 4, 4 out. 1945.

NUNES, Manoel Paulo. **Tradição e invenção III: discursos acadêmicos**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2002.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. 2.ed. Teresina, PI: Artenova, 1975. 5v.

PAGEAUX, Daniel-Henri. **Musas na encruzilhada: ensaios de literatura comparada**. Frederico Westphalen: URI; São Paulo: Hucitec; Santa Maria: UFSM, 2011.

PAZ, Octávio. **Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda**. Trad. Olga Savari. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREZ, Léa Freitas. Notas reflexivas sobre a modernidade e a cidade. In: NASCIMENTO, M. R. do; TORRESINI, E. W. R. **Modernidade e urbanização no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 87-100.

PESAVENTO, Sandra Jataí. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002. Acesso em: 3 abril 2018.

POEIRA. **O Pirralho**, Teresina, ano 12, n. 14, set. 1947.

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2008.

QUEIROZ, Teresinha. **As diversões civilizadas em Teresina: 1880-1930**. Teresina: FUNDAPI, 2008.

QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo. Teresina: EDUFPI, 2011.

RÉGIS, Edson. Poema a todos os homens. **Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, n. 1, p. 4, out. 1949.

REVISTA CADERNO DE LETRAS MERIDIANO. Teresina: [s.n.], n. 1, 1949.

REVISTA CADERNO DE LETRAS MERIDIANO. Teresina: [s.n.], n. 2, 1949.

REVISTA CADERNO DE LETRAS MERIDIANO. Teresina: [s.n.], n. 3, 1950.

SANTOS, Cineas. Um homem particular. **Presença**, Teresina, ano IX, p. 4-11. 1993.

SANTOS, Francisco. C. dos. O acaso das origens e o ocaso das finalidades. In: NASCIMENTO, M. R. do; TORRESINI, Elizabeth W. R. (org.). **Modernidade e urbanização no Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. p. 21-31.

SILVA, Francisco da Costa e. O carrossel fantasma. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, n. 3, p. 28, set. 1950.

SILVA, Francisco da Costa e. Saudade. **Revista Caderno de Letras Meridiano**, Teresina, p. 12, set. 1950.

SILVA FILHO, F. da C. e. **Da Costa e Silva**: uma leitura da saudade. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1996.

SILVA, Halan. **As formas incompletas**: apontamentos para uma biografia de H. Dobal. Teresina: Oficina da Palavra; Instituto Dom Barreto, 2005.

SILVA, Halan. A poesia crítica de H. Dobal. In: EUGENIO, João Kennedy; SILVA, Halan. **Cantiga de viver**: leituras sobre H. Dobal. Teresina: Fundação Quixote, 2007. p. 23-32.

SILVA, Raimunda Celestina Mendes da. Nas trilhas do tempo: uma leitura das revistas Meridiano. In: SANTOS, Francisco Venceslau dos; MONTEIRO, Maria Conceição; SOUZA, Roberto Acízelo de (org.). **A literatura dos anos de 1950**. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2006. p. 87-100.

SODRÉ, Nelson W. **História da literatura brasileira**: seus fundamentos econômicos. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

TERESINA. Diário Oficial de Teresina: Código de Posturas de Teresina. 3 abril 1939.

UM apêlo. **O Pirralho**, Teresina, ano 12, n. 7, ago. 1947.

VANGUARDA, Teresina, p. 4, 7 set. 1939.

VIDA social: a hora e a vez do Piauí. **Jornal O Piauí**, Teresina, p.4, dez. 1949.





Este livro foi composto com as fontes:
Elza, desenvolvida por Daniel Sabino;
Desenvolvida por Mark Simonson;
Dupincel, desenvolvida por Rodrigo Saiani.



FABÍOLA NUNES BRASILINO

É mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí e graduada em Biblioteconomia. Atua como bibliotecária na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Seu interesse pela história intelectual do Piauí a levou a investigar como, nas décadas de 1940 e 1950, um grupo de escritores e pensadores buscou conectar o estado às transformações da literatura brasileira. A renovação da literatura piauiense: cultura e anseios modernistas na revista *Cadernos de Letras Meridiano* é fruto dessa inquietação: um mergulho nos esforços de mediação cultural que marcaram a cena literária piauiense no início do século XX.



Este livro apresenta uma minuciosa pesquisa sobre a contribuição da *Revista Caderno de Letras Meridiano* para a historiografia literária piauiense, especialmente no que diz respeito à difusão do modernismo em território piauiense.

O periódico foi idealizado por intelectuais de renome em terras piauienses: Hindemburgo Dobal Teixeira, Manoel Paulo Nunes e Orlando Geraldo Rego de Carvalho. Autores de obras fundadoras da literatura piauiense, a maior parte dos intelectuais envolvidos no projeto da criação da revista tinham fortes influências da literatura modernista, como James Joyce, Thomas Hardy e Virgínia Woolf.

Ao longo das páginas seguintes, o leitor encontrará uma análise cuidadosa das características que definem o modernismo, bem como a contribuição de intelectuais piauienses para a difusão do movimento, além de uma seleção de textos que ilustram a diversidade e a riqueza das expressões literárias locais. Que as próximas páginas sirvam como convite à reflexão e à redescoberta do modernismo e da literatura piauiense.

